

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhas do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lulas de marinhoiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Novidade literaria a aparecer na proxima semana

MARIA BENIGNA

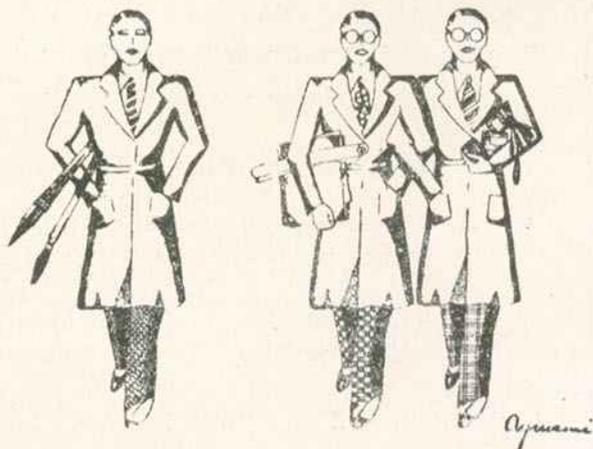
ROMANCE

POR AQUILINO RIBEIRO

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

GRAVADORE/

IMPRESSORES/



TELEFONE
2 1308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 15\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^ª

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cónegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabalista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **17\$00**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'este livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pag., brochado
10\$00

Encadernado **15\$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA
 JULIO DANTAS
ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
 Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80
LISBOA

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
 DA LINGUA PORTUGUESA**

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
 e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
 a ortografia oficial

EM APENDICE: O acordo ortográfico entre a Academia
 das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75—LISBOA



No dia em que o mundo infeiro
 conheça os magníficos resultados
 da Cafiaspirina não haverá mais
 sofrimentos por causa de dôres
 de cabeça, dôres de ouvidos,
 dôres de dentes etc. A Cafi-
 aspirina é absolutamente in-
 ofensiva para o organismo.

Cafiaspirina



Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A sinceridade pouco ou nada influe nas relações dos homens, quer tratem negócios particulares, quer de interesse público. Negociar é mentir.

Dois comerciantes, cada um por sua firma, dois diplomatas, cada qual por sua nação, medem as forças a golpes de astúcia. Deixarem transparecer a verdade constitui prova de fraqueza.

Ora sucede que essa mesma verdade de tempos a tempos avoluma, rompe todos os anteparos que pretendiam encobri-la e submerge a mentira. Assim acaba de suceder em Genebra com a palavra do desarmamento.

Quebrou pelos alemães. Poderia ter quebrado por qualquer outro. Não importa nada à essência do facto a nacionalidade do que primeiro põe o chapéu na cabeça e abala. É que a impostura não se aguentava mais de pé.

Franceses, ingleses, italianos, americanos, russos, japoneses e alemães negociaram dois anos, no firme propósito de se enganarem. Qualquer deles pretendia apetrechar-se o melhor possível para guerrear, deixando os outros em condição de inferioridade.

Este era o autêntico sentir, guardado no íntimo do coração. A boca para dissimular dizia que se tratava, ali naquela santa conferência, de achar o meio de tornar a guerra impossível, ou ao menos pouco cruel.

Veja-se bem o embuste.

Evitar a guerra, ou transformá-la em jogo floral; tirar-lhe o aspecto repugnante, estúpido, feroz, que constitui a sua característica primária. Que mais queremos para entender a farsa tantas vezes repetida, igual à que oferece a descoberta da longa vida, ou da juventude perpétua?

Chamam tentativas generosas às que procuram satisfazer esses três anseios do homem, o de ser perpetuamente jovem, eternamente vivo, constantemente em paz com o visinho. Também se lhes pode chamar intenções vãs, ou tôlas, mais que provadas e reconhecidas desde que há homens. O que não impedirá por certo de continuar a repetir-se a comédia.

Sabe-se que a guerra é inevitável como a morte.

Pois nunca hão-de faltar os charlatães que prometam acabar com uma e outra, se daí tirarem êles, os impostores, um proveito pessoal.

Em Genebra, ao ouvir-se o murro do alemão sôbre a mesa, vibraram indignados todos os que presentiram a ameaça de acabar aquele feliz modo de vida de fabricar a paz permanente.

Sem alemães, sem japoneses, sem americanos a conferência não arredará em-

CRÓNICA DA QUINZENA

quanto houver quem pague aos pacificadores, os coloquios à beira de qualquer lago.

Terminou a favor do sargento-coronel de Cuba a revolução de Outubro. Ao escrever desta, ainda não se sabe quem ganhará a de Novembro. E pode ser até que a do mês corrente pegue com a de Dezembro, visto na deliciosa ilha se ter adotado o regimen da revolução mensal, talvez de passagem para a de tipo Trotsky, que o autor intitulou de permanente. Revolução dinâmica, evolutiva pensou o grande judeu que representaria a única fórmula em termos de saciar o ideal das almas ardentes, com sede inexaurível de justiça.

Na Rússia não conseguiu o sagaz investigador experimentar o invento, o que deveria desgostá-lo, como aos mestres de tácticas desgosta não tirarem a prova real, em campo de batalha, do que congemina nos gabinetes de estudo.

O laboratório do Bautista, mercê do ambiente tropical, parece mais propício que o moscovita, ao ensaio da descoberta. O seu valor prático ou seja o rendimento em felicidade cívica já se percebe pelo obtido nos primeiros seis meses. É de seguro efeito contra o tédio e contra o desemprego.

Em Cuba, desapareceu a gente aborrecida e desocupada. Os que andavam bocejando de mãos a abanar, pelas esquinas, entretêm-se na caça do semelhante.

Foi sempre a actividade preferida pelos afortunados da terra, êsse da venação. Dêste modo fica demonstrada a genialidade da ideia trotskista. Resulta também justificada a aspiração dos que pretendem adotar noutras latitudes o modelo cubano.

Vai a Espanha declarar o seu desejo de proseguir, ou interromper, a lua de mel com o regimen novo, iniciada há pouco mais de dois anos.

Tem sido uma festa pegada, de dia e de noite, como sempre se vê em casamentos desta natureza. Mocidade, inexperiência, desdem pelo futuro conduz a

excessos explicáveis, mesmo perdoáveis. Confiados, optimistas, os noivos esperam a torrente inexaurível de venturas, provenientes do consórcio. Feita a República, creem êles, abre-se o manancial de riquezas, paz, harmonia, liberdade, gosto de viver, até aí represadas pelos génios malfazejos. O que é e não é, vê-se depois de dado o nó conjugal.

Dois anos volvidos de vida em comum, resolve manifestar o que lhe vai no coração de gosto, ou tédio pela folia que tem gosado. Dirá se está cançada do ruído, movimento, ansiosa por um pouco de socêgo, ou se o sangue continúa a ferver-lhe na guelra.

A primeira condição parece mais segura, representada por maior número de vozes. Encontram-se dêsse lado os que se fartam depressa de alarido, dos móveis desarrumados, de louça quebrada e almejam por um sôno socegado ao canto da lareira. Sómente acontece que os temperamentos tranquilos, talvez por o serem, tendem para a quietude, o remanso do seu esconderijo. Deixam assim a rua livre aos agitados, aos grulhas que terminam por julgar-se únicos, daí imporem a sua vontade bulhenta, movediça.

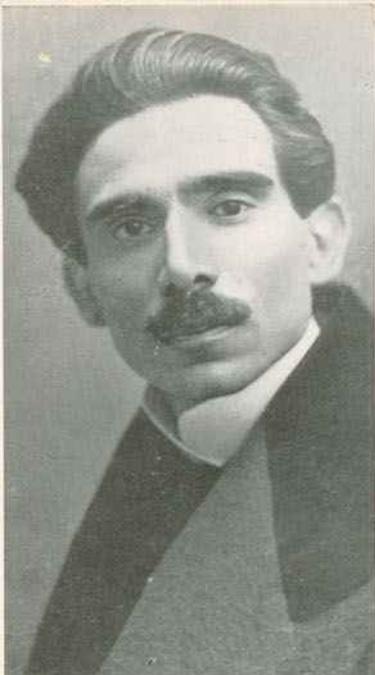
Dêste modo os poucos, a parcela menor da grande Espanha pode encontrar-se mais uma vez dona dos destinos. Por tal motivo nunca se sabe ajuizar do que está para acontecer, nem mesmo do que acontece, depois de verificado.

O sufrágio tem este contra. A abstenência, senão repugnância que tantos manifestam pelo seu uso, desvirtua-lhe a expressão, a ponto de tornar indistinto, impalpável o sentimento dominante da pessoa colectiva que pretende representar.

Existe sem contestação possível uma Espanha estrutural dentro dos princípios eternos, digamos biológicos e humanos, da vida social, que se resumem em trabalhar, produzir, consumir em paz com o semelhante, conservada a perfeita distinção do meu e do teu, o meu bem, a minha liberdade, do teu bem e tua liberdade. Essa Espanha cultiva a terra, exerce o ofício, apascenta rebanhos, pratica a ciência, indiferente à briga dos disputadores, dos palavreantes, dos indestrutíveis fariseus, secretos de uma toxina, chamada a retórica, fermento de todas as guerras.

Veremos breve se será essa Espanha orgânica, da terra e do ofício, ou a outra, a superficial, das fórmulas palavrosas, mutáveis de geração em geração, a que se apresenta a dar o voto e a declarar o seu querer.

Samuel Maia.



O poeta António Correia de Oliveira

Vai ser adjudicado o prémio Nobel da Literatura para 1933.

A que país e escritor caberá a honra de ser galardoado com tão elevada distinção não o sabemos ainda, no momento de escrever estas linhas. Mas recordamos com íntima satisfação e orgulho que entre os candidatos há um português e que nessa competição mundial a nossa língua e o nosso povo se encontram representados.

Esse candidato é António Correia de Oliveira, poeta de delicada sensibilidade, apaixonado dos temas humildes e populares e um dos que melhor sabem exprimir a alma nacional.

É complexa a mecânica do prémio Nobel. O nosso poeta não será, talvez, compreendido no seu justo valor. Mas nada disso nos impede de estarmos gratos a Correia de Oliveira por tão nobremente nos representar entre os maiores vultos da literatura mundial.

Portugal pertence ao número, que se vai sucessivamente reduzindo, dos países que nunca obtiveram um prémio. É-nos devida essa justiça que, mais do que pelo seu valor material, servirá para galardoar todo o esforço da raça lusitana.

Na lista dos países con-

templados encontramos, em primeiro lugar, a Alemanha, à qual foram já atribuídos 30 prémios. Segue-se o Império britânico com 27 e a França com 26. Os Estados Unidos receberam já 15. A Suécia, por um natural escrúpulo de imparcialidade, vem em quinto lugar com 21 prémios. E a seguir: a Holanda e a Dinamarca com 7 cada uma; a Suíça com 6; a Áustria e a Itália com 5 cada; a Bélgica e a Noruega com 4; e a Espanha com 3.

Portugal, como dissémos, não figura por enquanto na lista. Mas já é agradável saber-se que um candidato português disputará com os estrangeiros essa alta distinção.

O famoso prémio a que nos estamos referindo foi instituído por disposição do milionário e inventor Alfred Nobel.

O destino, que é fértil em surpreendentes ironias, reservou a este homem um bem singular papel na farsa complicada da vida. A sua existência merece, sem dúvida, ser apreciada nos seus muitos aspectos imprevistos.

Fez em 21 do mês passado um século que esse extraordinário inventor e filantropo nasceu. Era terceiro filho de Manuel Nobel e Andrietta Ahlstedt. Contava só oito anos quando sua família se foi fixar em São Petersburgo, hoje Leninegrado. Ali decorreram os anos da sua juventude.

O espírito inventivo era apanágio da família de Alfred Nobel. Seu pai foi o inventor das minas submarinas. Era dotado de fértil imaginação que o conduzia, por vezes, às mais estranhas fantasias. Durante certo tempo, por exemplo, dedicou-se afanosamente a adestrar focas na ideia de que elas lhe poderiam ser úteis para fixar ao solo submarino as minas que inventára.

Alfred herdou do seu pai esse espírito inventivo e inquieto e uma imaginação de prodigiosa fertilidade. De sua mãe, possivelmente, um carácter brando, cheio de idealismo que formava com a primeira tendência um curioso contraste.

Entretanto, a empresa Nobel fundada



Homenagem do rei da Suécia junto do túmulo de Nobel por ocasião do centenario do seu nascimento

HISTÓRIA DA ORIGEM

O premio Nobel

terá como candidato o poeta

pelo pai, a administrada agora pelos filhos, adquiria grande importância. Transformou-se mais tarde numa fábrica de material de guerra que durante muitos anos abasteceu o exército russo.

A direcção superior desta actividade fora confiada a Ludwig, o irmão mais velho. Por iniciativa d'este dedicaram-se à exploração dos grandes poços de petróleo da região de Baku. Ludwig pôde então demonstrar o seu espírito empreendedor. Como houvesse dificuldade em transportar o petróleo em bruto para as refinarias por falta de barris ou outros recipientes, ocorreu-lhe fazer construir barcos e vagões especiais para esse fim. Foram estes os precursores dos actuais navios e vagões cisternas.

Por esse tempo, Alfred Nobel dedicava-se já com exito às suas experiências de química, que mais tarde haviam de tornar o seu nome universalmente famoso.

Em 1863 recebeu a sua primeira patente de invenção. Acabará de aperfeiçoar uma mistura explosiva com base de nitro-glicerina.

Nesse tempo o emprego de explosivos oferecia imensos riscos e eram frequentes os desastres que ocasionava. Nobel dedicou-se a descobrir uma mistura de substâncias que pudesse ser manejada sem perigo. Foi esta a origem dessa patente de invenção.

Mas Nobel não se dava por satisfeito. Os produtos usados davam ainda lugar a terríveis desastres. Foi o que aconteceu no ano imediato à obtenção da patente na sua própria fábrica. Uma explosão tremenda fez desabar todo o edificio. Entre as vítimas contava-se o irmão mais novo do inventor.

Dedicou-se então, com mais afinco do que nunca, às suas pesquisas, certo de que lograria encontrar uma substância menos perigosa. E assim aconteceu.

O novo produto saído dos seus pacientes trabalhos recebeu o nome de dinamite. A Humanidade esteve de posse duma arma maravilhosa que tanto poderia servir a sua ânsia de progresso como a sua sede de destruição.

A partir d'este momento a sua fortuna aumentou prodigiosamente. Por ocasião da descoberta, em 1866, Alfred Nobel possuía três fábricas de nitro-glicerina.

Sete anos depois o nú-

DO FAMOSO PRÉMIO

de Literatura

António Correia de Oliveira

mero destas elevava-se já a quinze e encontravam-se espalhadas pela Europa e pelos Estados Unidos.

Juntou-se depois a seus irmãos para intensificar a exploração dos petróleos de Baken. Fundou-se a companhia Nobel cujos lucros atingiram proporções fabulosas. Inventou então um processo de destilação contínua da nafta cuja patente



Alfred Nobel

lhe foi concedida em 1884. Poucos anos mais tarde apresentava também novo invento — a primeira formula de pólvora sem fumo.

No meio desta actividade enorme, Alfred Nobel não deixara de ser uma pessoa modesta e reservada, de temperamento idealista. O homem que inventára a dinamite era um romântico. Após o fatigante trabalho do laboratório em Paris, em que manuseava as mais terríveis forças destruidoras, era grato no seu espírito divagar pelo Bosque de Bolonha, e, parado junto aos lagos, ver vagar, majestosamente, os cisnes.

Esta estranha dualidade nascia o tortura do seu espírito. Nobel preocupava-se com o problema da paz. A felicidade da espécie humana interessava-o fortemente. Não ignorava que as forças que criava viriam trazer novas desgraças ao mundo. Talvez para iludir essa ideia que o torturava um singular conceito se lhe implantou no cérebro. Na verdade, a guerra era inevitável dentro das actuais condições de imperfeição do Homem. Como torná-la impossível? Elevando ao máximo a potência de destruição. E a justificar

tão estranho principio lê-se numa carta dirigida a Bertha von Suttner, pacifista austríaca a quem se atribue ter exercido poderosamente no espírito do inventor:

"Quando dois exércitos se encontrem frente a frente em condições de se aniquilarem mutuamente, poderemos estar certos de que a guerra terá terminada... Talvez porque tivesse abandonado este ponto de vista, Alfred Nobel ao morrer em San Remo, em 10 de Dezembro de 1896 legou toda a sua imensa fortuna para fins filantrópicos.

Por testamento feito pouco tempo antes de falecer, Alfred Nobel dispôs que a totalidade dos seus bens constituísse um fundo de cujo rendimento se tirariam todos os anos cinco prémios iguais, destinados a recompensar aquêles que produzem obra de interesse para a Humanidade.

Cada um dos cinco prémios compreende uma importância em dinheiro de cerca de 140.000 corões suecos, um diploma e uma medalha de ouro. Os premiados tomam o encargo de entregar no prazo de seis meses um trabalho em que exponham os resultados das investigações ou estudos que justificaram a concessão do prémio.

Como vimos os prémios são cinco, sendo: um de física; um de química; um de fisiologia ou medicina; um de letras, destinado à obra mais elevada no sentido espiritual; e o último para o que melhor agir no sentido da fraternidade dos povos, supressão de armamentos e organização de congressos de Paz.

Os dois primeiros d'estes prémios são atribuídos pela Academia das Ciências de Estocolmo; o terceiro pelo Instituto Carolin; o quarto pela Academia de Letras; e o quinto por uma comissão de cinco membros eleitos pelo Parlamento norueguês.

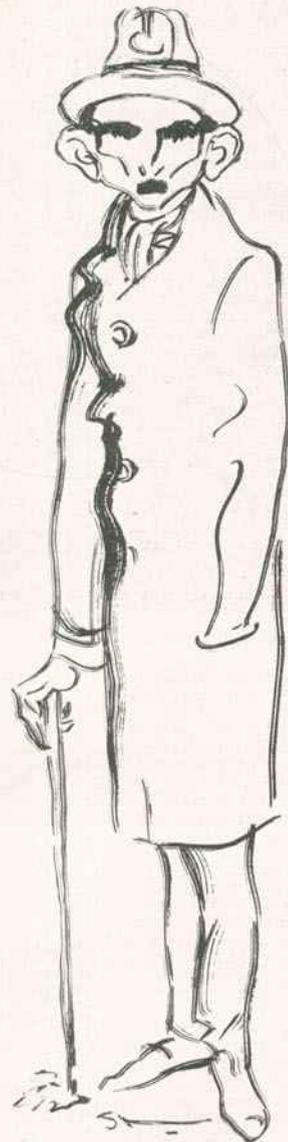
A adjudicação dos prémios de física, química e medicina faz-se facilmente e com certas garantias de imparcialidade. Mas já não se dá o mesmo quanto ao de literatura e de paz. O júri luta aí com grandes dificuldades, visto que os seus membros desconhecem, quasi sempre, os diversos idiomas dos concorrentes, sendo obrigados a julgar através de informações dos representantes estrangeiros.

O fundo do prémio Nobel é importantíssimo e a sua solidez financeira está amplamente garantida. Basta dizer-se que os cinco prémios, que somam setecentas mil corões suecos, não absorvem o juro produzido pelo capital. A par disso, cada vez que o prémio não é adjudicado, a sua importância vai aumentar o fundo prudentemente administrado.

O testamento de Nobel é um documento único no seu género. Outros teem legado a sua fortuna para fins humanitários, mas nenhum o fez duma maneira tão original e dando-lhe uma extensão tão universal.

A execução d'este testamento deu origem a sérias complicações legadas que só foi possível superar depois que o Parlamento sueco votou uma lei especial que as resolvia.

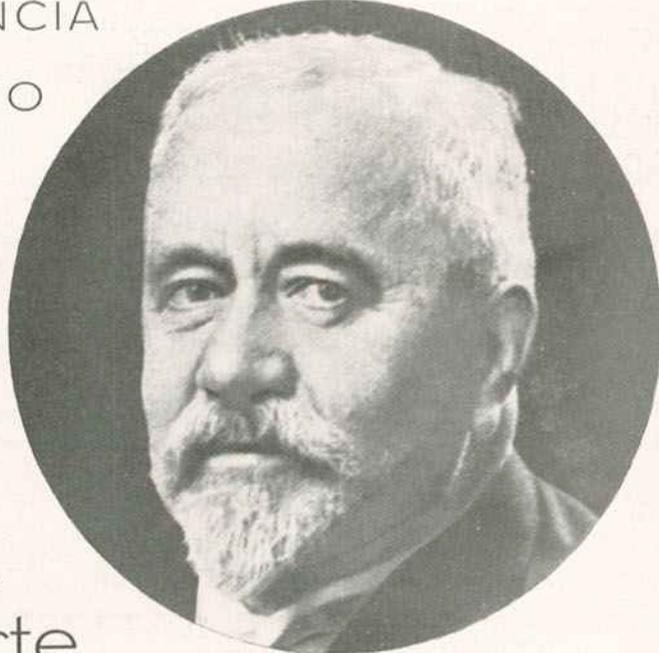
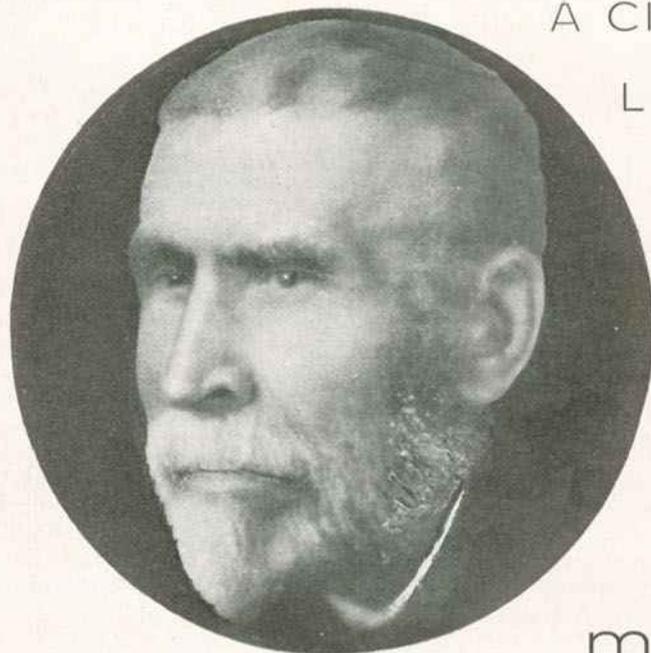
De Nobel, poder-se-ia com razão dizer que era homem de poucos amigos. Raro



Correia de Oliveira, visto por Stuart Carvalhais

se via acompanhado. Nenhuma mulher figura na sua correspondência nem nos seus documentos íntimos. Dominado pelo ideal, este homem singular era, talvez, um misógino. Por outro lado, entre os seus papéis figura um poema, cuja heroína tudo faz supor que seja imaginária, mas que revela no autor um temperamento romântico e afectivo.

A CIÊNCIA
DE
LUTO



A
morte
dos doutores Roux e Calmette

No curto espaço de cinco dias, a França acaba de perder duas das figuras mais prestigiosas da ciência, cujos nomes ilustres devem ficar para sempre fixados no reconhecimento da humanidade.

O primeiro foi Albert Calmette, falecido em 29 do mês passado; o segundo Emile Roux que morreu em 3 do corrente.

Ambos faziam parte do Instituto Pasteur de Paris, onde eram, respectivamente sub-director e director. Com a morte dos dois sábios a importante organização francesa perde, assim, dois colaboradores cujas vagas dificilmente poderão ser preenchidas.

O dr. Roux, principal orientador do prestimoso instituto parisiense, que tantos trabalhos realizou para o progresso da ciência, dando ao mundo inteiro inúmeros elementos para defesa da humanidade, nasceu em Confolens, em 1853.

Fez o seu curso de medicina em Clermont-Ferrand e tornou-se, depois de formado, preparador de química do célebre Duclaux.

A natureza dos seus trabalhos e os dotes de inteligência e de vocação revelados através dêles tiveram repercussão nos meios científicos, e Roux, em pouco tempo, era chamado pelo grande Pasteur, para seu preparador e com a excelente recompensa de ver o Mestre associá-lo aos seus próprios trabalhos e experiências.

Doutorou-se em 1881, e quando, decorrido pouco tempo se fundou o Instituto Pasteur, ingressou nele sendo-lhe confiada uma das mais importantes secções de bacteriologia.

Ascendeu a sub-director, em 1895, e mais tarde a director.

Devem-se a Roux importantes trabalhos científicos sobre a «atenuação dos vírus pelos anti-sépticos», e relativamente á «vacina das doenças infecciosas por meio de produtos solúveis segregados pelos micróbios».

A descoberta, preparada pelas suas próprias experiências e pelas de Behring, dum soro curativo da difteria (1894), cujo uso se expandiu por todo o mundo, valeu a Roux muita glória e inúmeras honras: foi admitido como membro associado livre da Academia de Medicina da França, substituindo Pasteur (1895), e, quatro anos depois, foi nomeado sócio da Academia das Ciências.

Em 1903, foi-lhe adjudicado o prémio Osiris, de cem mil francos, instituído pelo Instituto de França.

Além do soro anti-diftérico, Roux realizou belíssimos e utilíssimos trabalhos da sua especia-

lidade devendo-se-lhe, principalmente, outras descobertas referentes ás toxinas em geral e, em particular, á toxina tetânica (soro anti-tetânico).

Quanto ao dr. Calmette, a sua personalidade de homem de ciência não era, por certo inferior, Nasceu em Lille, em 1863. Aos vinte anos, entrou para o Serviço de Saúde da Marinha e, como médico fez diversos cruzeiros á China, no Congo, á Terra Nova, etc.

No seu regresso a França, foi transferido para o Corpo de Saúde das Colónias. Solicitou e obteve autorização para trabalhar no Instituto Pasteur, cuja fundação era recente. Por essa época, uma terrível epidemia de varíola grassava entre os indígenas do Indo-China. Pasteur foi convidado a designar um dos seus alunos para dirigir a instalação dum centro vacinogénico e dum laboratório de pesquisas em Saigon. Calmette foi escolhido para exercer esse cargo. Foi assim que o eminente sábio fundou o Instituto Bacteriológico de Saigon, que dirigiu durante mais de dois anos. Procedeu então ao estudo de diferentes problemas relativos ao veneno das serpentes, colera, desintéria, fermentações, etc.

Tendo regressado a França, uma comissão fundada em Lille, com o fim de organizar nessa cidade um Instituto de seroterapia e investigações bacteriológicas, convidou-o para dirigir essa obra. Calmette aceitou. Fundou o Instituto Pasteur de Lille e, durante 25 anos, assumiu a sua direcção. Entretanto, foi professor de Bacteriologia e Higiene na Faculdade de Lille.

Mais tarde veio para Paris, onde, como dissémos, era actualmente sub-director do Instituto Pasteur.

As suas pesquisas, em colaboração com Guérin, permitiram melhorar muito a técnica da preparação da vacina de Jenner, contra a varíola.

Por ocasião da terrível epidemia da peste bubónica que assolou a cidade do Porto, o ilustre sábio esteve no nosso país. Dirigia então uma missão de estudo organizada pelo Instituto Pasteur de Paris. Em colaboração com Taurelit Salimbenni, pôde nessa ocasião estudar a técnica da vacinação e da seroterapia do terrível mal preconizando o tratamento dos doentes por meio de injeções intra-venosas de soro em altas doses.

Era vastíssimo o campo abrangido pelas suas investigações científicas. Mas foi sobretudo á luta contra a tuberculose que dedicou a sua actividade. Os seus trabalhos em colaboração com C. Guérin levaram-no á descoberta da va-

cina BCG, resultante da cultura do bacilo Koch privado de virulência e que injectados nos predispostos a essa doença excita as reacções do organismo, imunizando assim contra a doença.

A aplicação desta descoberta comportava certos perigos. Fizeram-se numerosas experiências que deram bom resultado.

Contudo, ainda durante muito tempo, Calmette hesitou em fazer a aplicação da sua descoberta em seres humanos. A convite do dr. Weill-Hallé médico dos hospitais e director da Escola de Puericultura da Faculdade de Medicina de Paris, decidiu finalmente fazer as primeiras experiências em filhos de tuberculosos, autorizado a isso pelos pais. O resultado foi animador. De 1924 a 1931, o número de vacinações em França subiu a 303.762, provando a exactidão das teorias dos eminentes bacteriologistas.

Quis o destino, porém, que um trágico acidente viesse interromper a carreira da nova vacina. Um grupo de crianças sujeitas ao tratamento contraíram a tuberculose, por causas mal esclarecidas. O facto deu origem ao famoso processo de Lubeck. Alguns sábios pretendiam que, em determinadas condições, os bacilos podiam recuperar a sua virulência. Outros afirmavam que se tratava dum acidente devido a causas estranhas. O desenvolvimento do processo demonstrou que houvera um lamentável erro no laboratório de Lubeck, durante a preparação da vacina. A honra dos eminentes sábios Calmette e Guérin saiu, pois, dêste triste caso ilibada de toda a responsabilidade.

O nome de Albert Calmette vem evocar o de seu irmão, Gaston, que foi director do importante órgão da imprensa francesa «Figaro». Está ainda na memória de muitos dos nossos leitores o trágico incidente que rematou a vida dêsse jornalista. Gaston Calmette iniciara nas colunas do seu jornal uma campanha violenta e acintosa contra o eminente político francês Joseph Caillaux. Foi a esposa dêste que num momento de alucinação assassinou a tiro Gaston Calmette no próprio gabinete da direcção do jornal.

Quanto ao eminente bacteriologista agora falecido, bastará que dêle se diga, para bem se avaliar o seu muito merecimento, que era considerado o continuador da obra imortal de Pasteur.

A morte dos dois sábios não é, pois, uma perda para a França, mas antes uma irreparável fatalidade que interessa a toda a humanidade, ao bem da qual ambos deram todo o seu esforço e toda a sua poderosa inteligência.



ALTAVA ali a relva dos pátios orientais para a gente se deitar e um re-repuxo no meio, volátil como asa, a recitar a elegia das saudades ou breve ode báquica de nossas alegrias pequeninas. O sol das quatro horas, mais mortício que oiro velho, derramava

no claustro luz igual e deslumbrada, que se ia esbatendo dos lanços expostos para os lanços à sombra, como as côres no colo duma rôla. Dos baldaquinos, frisos e cimbalhas, um mundo atônito e silencioso olhava para nós. Não sabíamos o que dizia; nos olhos cheios, brancos ou duma pretidão reluzente de ônix, de certas gorgonas viam-se expressões hilares ou impudicas, e nas órbitas vazadas doutras confrangedora e sobrehumana melancolia. E estas, Deus me perdoe, suscitaram-me no espírito a imagem do Rodrigo Bataca, meu cavaleiro fiel.

A passo descansado percorremos a galeria inferior com ogivas, colúncios, cordas das abóbadas e modilhões mais harmoniosa e calculadamente dispostos que as sílabas nas palavras e as palavras nos versos dum belo soneto. Em nossa alma habitava, porém, Apolo e não o nazareno mirrado de S. Jerónimo. Como era possível cumprir-se dentro daquelas paredes a regra austera?

No pavimento superior a luz, mansíssima e translúcida luz de cirado, dava realce aos labores da pedra como se a sua missão ali fosse indicar. Dir-se-ia que nos coruchêus, como em cários, brilhavam inextintos morrões, enquanto as tôrres, à banda Sul, figuravam colossais e doirados cactos. Aquela comparsaria silenciosa, virgens, doutores, rostos marcados do sinete gótico da luxúria e da dor, silfos e dragões alados, sob o frémito do sol, estremecia também. Eu fechava os olhos e ao reabri-los via-a estremecer. E ainda me dava a impressão de sussurrar à aragem a ramaria exuberante dos muros. E quando nos debruçámos do varandim corrido, por cima do povo das quimeras, diante do vôo dos arcos, sentindo sobre nós todo o caixilho octogonal ogivo-plateresco, foi como se estivéssemos presos num relicário de cobre e esmalte, viradas do avesso as paredes especiosas.

Indo pelo corredor da ala Sul, ante um cofre funerário, à espera do seu edículo, disse Adriano quebrando o enlévo:

— Afinal, quasi vale a pena chegar a grande homem para ser-se aqui hóspede pelos tempos fora.

— Gostavas?

— Mentira se dissesse que não. Mas eu não passo dum artista de boa vontade.

— Imortalidade... que é isso? — tornei como lhe visse nos olhos névoa de melancolia.

— É o prêmio de consolação ao finito dêste mundo. Mas deixá-lo, acabar com estas belas pedras, voar o nosso pó no seu pó, tem a sua beleza.

Deu mais uns passos cabisbaixo e proferiu: — Não devemos esquecer que o nosso absoluto é limitadíssimo. A glória em Portugal consiste em jazer no meio da espuma da pedra lioz; será quanto resta de pé. Em França, por exemplo, habitar a montanha do *Paulhion*, sob a *couronne de colonnes*; mas redivivo. Entre nós deita-se cal viva no corpo e na alma... para acabar mais depressa. Mas seja como for, assim como se dissolve a espuma, rui a montanha. Perante a eterna voragem dá o mesmo.

— Que importa isso a quem morreu? — exclamei com a minha maldade, sentindo-o longe de mim, levado «nas asas da aurora» como diz o psalmista

— Sim, que importa...! Alma, onde está ela?... Acredita algum que à morte do pirilampo sobre-

Do novo livro de Aquilino Ribeiro MARIA BENIGNA transcreve-se o trecho "NO CLAUSTRO DOS JERONIMOS"

viva o lume maravilhoso? Mas eu te digo, do homem verdadeiramente homem, em terras que não a nossa, perdura essa coisa que tem as suas fases, alumia e entenebrece, parece governada por um ciclo solar espiritual, numa palavra vive: a memória. A essa não é indiferente que o cadáver se consuma no coval raso ou mirre e torne a mirrar, através dos séculos, na urna de mármore.

— Há de vir para aqui...

— Eu sou cinza, quero ser cinza a sofrer tôdas as fases químicas da matéria em liberdade. E quem garante a paz da sepultura no país dos

terramoto e da ferocidade? Talvez um dia venham camartelos demolir êstes arcos, êstes terrados e os ossos dos heróis, convertidos em mancheia de cisco, voem para o Tejo que os arrastará para o mar, o qual os rojará à praia doutro continente, aumentando-o assim de miligramas, ou os guardará nos abismos para leito de corais e polipeiros. Senão, será o cataclismo o demolidor. Isto — e a sua mão riscava de Norte a Sul — é *fatalis* a vir abaixo. Terra e gente.

Não soube que retorquir-lhe ao pessimismo, mas diante dos fetos, pequeninos e viridentes fetos, cravados no artozoadado da abóbada, pronunciei jovial:

— Lá vir ser múmia para aqui não me apetece; mas não se me dava ser a plantazinha que ali verdeja...

Seguiu a direcção do meu dedo e afirmou-se. A criptogâmica pendia da pedra como podia fazê-lo um insecto. Não se via terra de que comesse; não se via fenda, erosão, sequer, na abóbada a que se agarrasse. E era tão viçosa que nem de jardinagem, tão estranha que só por sortilégio.

— Curioso — murmurou Adriano. — Dá-se aqui o milagre de Pigmalião, a obra de arte é tão formosa, a floresta de pedra tão digna de viver que enverdeceu e vive. Mas repara, há mais por essa abóbada...

Havia mais, de facto, com os ramúnculos verdinhos estampados, contra a pedra doirada, alguns de finíssima e singular clorofila. Mas, como êle não houvesse respondido ao meu sainete, repeti:

— Tu vinhas para cá aos ombros de quatro grã-cruzes de Santiago...

— O quê!? Já chega aos gatos-pingados...?!

— Queria dizer aos ombros de quatro senhores, grandes figurões... académicos, altos funcionários. Não te agrada...? Bem, vinhas para cá na berlinda de primeira classe da agência e quedavas bonzo empalhado enquanto Portugal for Portugal, e êste mosteiro Panteão. Eu ficaria fêtinho... aquê... a vê-te. Mas, ouve, não era para me sentir vingada das tuas maldades, não. Era para permanecer de guarda à tua pessoa como os pilriteiros da lenda.

Beijou-me enternecido e só disse: — Morrer não custa; o que custa é não ter o direito de cá voltar, por meia hora que fosse.

Entardecia a olhos vistos. A lua, com ar de ser de prata, duas pontas aceradas dirigidas para o mar, colava-se no azul do céu, para lá da poalha branca dum cirrus, quasi arcaia esparsa dos caminhos. Ao que estava de estampada, parecia o emblema duma bandeira. Ergueu-se uma pomba do braço da cruz de Cristo, amputada do pórtico de Boytaç pela aresta do terraço; subiu por cima do zimbório e de asa ligeira disparou para a cêrca hieronimita, donde a chamava gentemente e arrulhadora voz. Esse apêlo enchia céu e terra. Ouvimo-lo e, insensivelmente, as nossas bocas uniram-se. Em volta, pairava o silêncio magnífico da pedra, dos séculos, do mundo todo. Escondeu-se o sol por detrás da ala Oeste e o claustro ficou rôxo, como se pelos muros, sobre os botarêus, no chão, na chanfradura dos arcos, brotasse perfumado violal.

Aquilino Ribeiro — o grande escritor, um dos maiores da sua geração — vai dar-nos brevemente um novo trabalho: Maria Benigna. Trata-se, desta vez, dum romance de amor que tem, de princípio ao fim, como ambiente, paisagem e figurantes, a cidade de Lisboa. Os seus «dramatis personae» foram transportados para a capital. Hasta isto para se lhe garantir, desde já, um retumbante movimento de curiosidade. Acabámos de folhear algumas das páginas da nova obra de Aquilino Ribeiro, ainda húmida do prelo. Através de qualidades singulares deparou-se-nos uma melancolia e um pessimismo, a que não sabíamos atreito o autor do Jardim das Tormentas. Se amor, porém, é morbo, como diz a certa altura, está explicada a índole das personagens. O trecho que transcrevemos, arrancado à nova obra Maria Benigna, pode intitular-se «No claustro dos Jerónimos».





Grupo de oficiais do batalhão de infantaria 35, tirado na Bélgica, em seguida ao armistício. Ward, intérprete inglês, o segundo, a partir da direita, na fileira dos oficiais que estão sentados

O sr. Ward, intérprete inglês, foi o tipo mais macabúbio que me passou pelo batalhão. Quando tomei o comando do 35 já ele lá se encontrava. Se não fôra o uniforme e a língua, ninguém diria ser o sr. Ward um combatente, gracioso súbdito da nobre Albion. Era o verdadeiro contraste dos seus camaradas ingleses. Baixo, franzino, ruivo e quasi sardento, tinha o costume de agitar muito as pestanas dos seus pequenos olhos, quando falava. Não era velho. Mas, nas conversas, deixava às vezes esboçar um subtil sorriso, que nos parecia de ironia e que nos incomodava. Porém, o que mais notávamos e nos deixava, às vezes, mal impressionados, era aquele feitiço fúnebre e pessimista do sr. Ward. Não comia conosco. Achava as nossas refeições pesadas. E por isso preferia "a sua jantar", com os camaradas ingleses. Mas quando, por motivo de serviço, as circunstâncias o obrigavam a servir-se da nossa *mess*, era como se um mocho agoirento fôsse poisar à nossa mesa. E porque já todos lhe conheciam o feitiço, cada um fugia de o interrogar acerca da marcha da guerra, e que ele podia saber por coisas que ouvisse aos ingleses. Porque a resposta era sempre a mesma, constante, certa, invariável:

— Tudo mau, senhores, muito mau. No entanto, por vezes, divertia-nos, porque o seu pessimismo era sempre transmitido em linguagem em que as palavras apareciam, quasi sempre, com o género trocado. Um dia, tendo-o interrogado acerca da zona para onde o batalhão, no dia seguinte, devia partir, a resposta pessimista não se fez esperar:

— Zona má, senhor, muito má. Muitos granadas. Os soldados que se não esqueçam de levar "os mascasas."

Em Allouagne, onde o batalhão estacionou, chamei-o um dia à secretaria, por motivo de serviço. Cumprida a missão e depois de ter despejado o "muito mau, senhor, muito mau" do costume, convidei-o a jantar com os oficiais portugueses. O sr. Ward, pessimista, deixou escapar o seu sorriso duvidoso, piscou mais os olhos e agradece:

— Muito obrigada, senhor, muito obrigada. Também lá tenho "a minha chá". Eu jantar com camaradas.

E, como morasse longe, entendi que devia oferecer-lhe, naquela ocasião, o meu cavalo. E o sr. Ward, que tinha horror à cavalaria, pisca ainda mais os olhos, engole o sorriso e apressadamente responde:

— Eu vai em pé, senhor, eu vai em pé. Risos reprimidos nalguns oficiais portugueses, que se achavam presentes.

Algumas horas depois, como o assunto de que se tratava precisasse ser mais esclarecido, fui eu próprio procurar o sr. Ward à sua residência. Era já noite. E quando entrei na residência do sr. Ward, o sr. Ward jantava. Entrei na sala de jantar. E tive, naquela ocasião, a impressão de que entrava numa sinagoga. Quatro oficiais ingleses, sizudos, taciturnos, deglutiam flegmaticamente o intragável doce de frutas. Quasi que se não falava. Uma tênue luz iluminava frouxamente o ambiente. E a luz partia duma vela, e a vela estava espelada numa caveira, e a caveira era dum alemão. Sob esta luz, ainda que mortífera, macabra, faltava enfim o riso, a expansão e a alegria dos oficiais portugueses.

Acompanhou Ward, pessimista, o avanço do batalhão, enquanto os alemães recuavam, ao mesmo tempo que iam vomitando metralha. Em Neuve Chapelle arrazada, onde um Cristo, entre ruínas, ostentava milagrosamente, nos pés, uma granada alemã que, penetrando na cruz, ali se quedara sem explodir, a devastação era completa. E teve, desde então, o sr. Ward de sujeitar-se à nossa *mess* ambulante e a dormir também no chão como os outros. Achava-se, pois, mais em contacto conosco o mocho agoirento.

Ficava Neuve Chapelle, destruída, a dois passos do Bois-du-Bié, o bosque misterioso, o bosque da lenda. Enquanto os alemães o ocuparam não houve fantasia nem suposição que a nossa imaginação não inventasse. Como que se julgava povoado de monstros. Ali ninguém entrava. A unidade inimiga, que a tal se atrevesse, lá ficaria completamente esmagada e sem que se lhe aproveitasse "viv'alma". Lá estavam as armadilhas, os engenhos destruidores, a electricidade, os subterrâneos, as minas, e todo o artifício maligno que o génio potente da guerra tinha podido inventar... E, por isso, a nossa curiosidade nos levou logo ao bosque. Tudo ilusão, tudo suposição, tudo invento. O que havia de notável era uma camoflagem muito cuidada, que por completo ocultava as estradas, os caminhos e o movimento das tropas; assim como se notavam abrigos em abundância, mas abrigos enormes, de bom cimento, de grande espessura, de bastante resistência, e onde os alemães mais atoiadamente descansavam.

Mas, com esta nossa ida ao bosque misterioso, imediatamente o mocho agoirento piou:

RECORDANDO I Um episódio passado no na contra-ofensiva

— Tudo mau, senhores, muito mau. Bosque e "todos povoações", abandonadas por alemães ter ratoeiras que mata. É, porém, de justiça dizer-se que o mocho, desta vez, piou com razão. Poucos dias antes, seis ingleses, tendo entrado no bosque, logo que os alemães o abandonaram, lá ficaram mortos, vítimas de uma armadilha, traiçoeiramente deixada.

O processo era fácil. Bastava deixar um pequeno objecto de arte, qualquer artigo portátil e útil, que atraísse a atenção e despertasse a cobiça. Era só tocá-lo. E imediatamente uma mina, ou mesmo uma simples granada escondida e em comunicação com o objecto apeteido, estrodonosamente explodia e matava.

E esta informação certa que o sr. Ward, desta vez, houve por bem prestar, passados dias, uns breves momentos me preocupou no devastadíssimo campo de Neuve-Chapelle. É que sem que se esperasse, em pleno dia e dentro do estacionamento, um grande estrodo se ouve, que apavora e a todos alarma. Não havia que duvidar. Aquilo era enorme granada que havia rebentado... Mas como, de que maneira, se naquele momento nem nós nem os alemães fazíamos fogo?... E vieram-me então à ideia as ratoeiras do sr. Ward. Quantos teriam morrido em qualquer armadilha, preparada pela malvadez do inimigo? — pensei — E corri então para o local da explosão. Um grande magote de soldados, quasi todo o batalhão, fazia círculo em volta de quatro soldados, lançados por terra. O terreno, em volta, achava-se salpicado de sangue; os gemidos dos feridos eram lancinantes:

— Ai Jesus que eu morro... Ai Jesus que eu morro...

Acodem os dois médicos; e os feridos são transportados nos braços de camaradas ao posto de socorro. E tudo então soube. O desastre não fôra motivado pelas ratoeiras dos alemães, descritas pelo sr. Ward. Simplesmente uma granada se achava para ali, por explodir, metida no terreno, de ponta para baixo e com a espoleta quasi à superfície da terra. Os quatro soldados, querendo coser um panelão de batatas, tiveram a má sorte de acender o lume no terreno em contacto com a espoleta. A espoleta recebeu o calor e inflamou-se; e a granada, explodindo, derrubou os soldados, que ficaram seriamente feridos e sem batatas...

E ainda esta má impressão não havia passado e já o sr. Ward, pessimista, novamente pia:

— Tudo mau, senhores, muito mau. Alemães fingir retirada para voltar sobre nós "muito ofensiva".

GRANDE GUERRA avanço dos portugueses contra os alemães

E ainda que as palavras do sr. Ward fôsem já palavras lançadas ao vento, o que é certo é que, por coincidência e por acaso, a noite que se seguiu à esta opinião do sr. Ward foi talvez a noite mais tétrica, que eu no batalhão passei. Noite completamente escura, ventosa, horrível, de grandes névens negras. Por cima do acampamento, as granadas de artilharia dos dois partidos cruzavam-se ininterruptamente e cumprimentavam-se com rancor e a sibilar de raiva. A artilharia alemã bramava mais forte. Bem se apresenta que o seu desespero era maior. E a este intenso estrodo da artilharia mais próxima respondia o contínuo sussurro da artilharia distante. E, como se tudo isto não fosse bastante, ainda a Natureza também brame e apavora. Grandes trovões sucessivos atordoam, e repercutem pavorosamente o som pela negridão do espaço. Juntavam-se ao bramir das névens o prolongado assobio das balas e o forte estrodo dos canhões. O sussurro era grande, enervava. E nada mais se ouvia, porque nada mais era possível ouvir. E, para mais completar a cena, os intensos clarões dos tiros iluminavam, sem cessar, o vasto horizonte negro, ao mesmo tempo que o céu parecia estremece, ao deixar-se inundar de luz. Intensos relâmpagos, vivos, sucessivos, afoqueavam a cada momento o espaço e punham a descoberto a forma fantástica das névens. Toda a máxima tonalidade de som estridente se casava, fêricamente, com a luz intensa, que esbraseava o céu. Ensurdia-se, e a vista cansava-se. Parecia, enfim, que todo o espaço ardia e se deixava devorar pelo fogo. Mas, como tudo acaba no mundo, quando a madrugada rompeu, todo aquele pesadelo acabou.

Os alemães não preparavam, naquele momento, um retorno ofensivo, como podia supôr-se, devido àquela opinião do sr. Ward. Se tinham despejado naquela noite mais fogo, inundando o campo de granadas, era porque iam continuar a retirada.

Pouco depois, numa macilenta manhã de outubro, continuou o batalhão o avanço. E, em breve, ocupou a povoação

de Faches, a três quilómetros da elegante cidade de Lille.

A luta tornava-se agora mais encarniçada para além desta cidade. O objectivo dos alemães, nesta zona, era a sua retirada para o Escalda, onde o rio e a cidade de Tournai serviriam de bom refúgio para a sua resistência. E foi em Faches que o batalhão teve conhecimento dum facto, que em seguida se deu e que bastante o honrou: la ser mandado para a linha mais avançada, afim de cooperar directamente com os ingleses e bater os alemães mais de próximo. E, logo em seguida à notícia, o mocho agoirento aparece, estende as asas e lúgubremente pia:

— Tudo mau, senhores, muito mau. Alemães ir fazer grandes combates na Bélgica. Guerra durar mais um ano, dois anos, três anos.

Nunca os olhos do sr. Ward me pareceram mais pequenos, nem as suas raras pestanas me pareceram mais amarelas.

E a ordem foi dada, e o batalhão, depois de reforçado, avançou. Debaixo do fogo da artilharia inimiga, chegou ao Escalda, na Bélgica; fez logo com as metralhadoras junto a este rio; e para além de Tournai seguiu ainda, até à linha mais avançada a que chegaram as forças inglesas, com que se cooperou. Dias depois, não obstante o dia seguinte do sr. Ward, chegou enfim o acto do armistício, do tão desejado armistício. E nele os alemães depõem as armas e dão-se por vencidos.

No regresso à França, descansou o batalhão, por alguns dias, nos arredores de Lille. E o sr. Ward, macabúbio, tendo recolhido a fala agoirenta ao saco, manifestou nessa ocasião um desejo: "Que em breve deixaria os portugueses, que era amigo dos portugueses, e queria levar para a Inglaterra uma recordação dos portugueses." Compreendi-lhe o desejo. E, para ser agradável ao sr. Ward, fiz-lhe aquilo que me era possível fazer. Ao fim duma tarde, entreguei-lhe uma nota em que atestava o bom serviço que havia prestado no batalhão, junto dos portugueses. Julguei bastante. Porém Ward leu a nota, agitou as pestanas, e ficou murcho. Nada respondeu, nada disse — dando-me toda a impressão de que não ficaria satisfeito. E se Ward já era macabúbio, desde aquele dia mais macabúbio se tornara. Mas como o meu cuidado não ia todo para o sr. Ward, toda a indisposição do sr. Ward me passou, em grande parte, despercebida. Porém,

em breve me informaram. O sr. Ward queixava-se:

— Tanto quero aves, tanto gosto de aves, e só a mim é que não dão aves... "Que esquisitice — pensei — Temos passado bem sem aves às refeições e só agora é que o sr. Ward tem desejo de aves."

Chegou o batalhão a Romblay. Ali devia acantonar até à assinatura do tratado de paz. E, como se aproximasse a retirada do sr. Ward para a sua unidade inglesa, lembrei-me comemorar a sua partida com um jantar de galinhas, patos, tordos e algum faizão que fosse possível comprar no Aire. Mas não foi preciso. O capitão Frazão, alegre, folgazão, grande imitador de todos, lembrou-se, uma noite, de imitar o sr. Ward:

— Deram aves a Cassies, deram aves a este, deram aves àquela, e só a mim é que não deram aves.

Estava decifrado o enigma. O Cassies, este e aquele, eram intérpretes ingleses que tinham sido condecorados, pelo governo português, com a Ordem de Aviz. O sr. Ward, pessimista, não queria pois galinhas, nem patos, nem perús; o sr. Ward, súbdito inglês e intérprete dos portugueses, queria simplesmente a Aviz, condecoração.

Quando, numa brumosa manhã de dezembro, o sr. Ward se despediu de mim e o acompanhei até ao automóvel, que o esperava, uma infinita ternura me invadiu a alma por toda a pessoa do sr. Ward. Entregou-me nessa ocasião um pequeno cartão, que ainda hoje conservo: — "M^r Egerton J. Ward. 3rd Batt The Royal Irish Regiment."

E em troca daquele pequeno cartão gomado, eu só queria ter o poder para satisfazer, naquela ocasião, todo o ardente desejo do sr. Ward. Com que prazer eu lhe poria no peito, nã de condecorações, a comenda de Aviz, de Cristo, e ainda qualquer outra que fosse o objecto dos seus sonhos. E tudo isto com aparato, oficialmente, solenemente, diante de tropas em continência e ao som de marchas de guerra. Fiqui só com o desejo, e sem que do meu desejo suspeitasse o sr. Ward. E naquele triste desolamento da despedida, isoladamente, sem aparato nem grandezas, dei-lhe um abraço, que era tudo quanto lhe podia dar.

— Adeus, Ward, adeus. Nunca mais o vejo. Permita-me este abraço. De nada lhe servirá, mas é uma recordação sincera que vai levar de mim.

Partiu, desapareceu... E nunca mais o vi...

Colonel Pais Mamede.

Oficiais, sargentos e soldados combatentes, do batalhão de infantaria 35, que constituíram a avançada até a linha mais adiantada a que chegaram as forças inglesas, com que se cooperou, na Bélgica, a 20 de julho, a S. O. de Bruxelles





O dia quinze de Novembro marca-se com uma bola negra, uma bola lutuosa.

A morte em condições misteriosas roubou a Portugal um dos seus filhos dilectos que mais intensamente o ilustravam.

É sempre um mistério a morte, mistério que tem dado com o juízo em pantana àqueles que procuram desvendá-lo.

E esse mistério mais se avoluma, quando os restos do morto não aparecem para receber o lamento mais ou menos sincero dos que ficam ainda a mourejar neste vale das surpresas que é a vida.

Sacadura Cabral, depois de uma façanha digna de antigos heróis que a História carinhosamente guarda de parceria com Gago Coutinho, desapareceu a breve trecho nas ondas salsas do mar do Norte, quando se preparava para novas conquistas dos ares, sempre de camaradagem com o seu ilustre parceiro da primeira glória, êsse famoso "raid" a terras brasileiras que assombrou o Mundo inteiro e começou separando Portugal da Espanha, na casmurria de muitos ignorantes do Mapa-Mundi.

Sacadura, idealista à sua maneira, muito pessoal, não deixava transparecer, no seu convívio com os homens, a luz do sonho que lhe alegrava a alma.

De poucas falas, apenas se expandia com alguém de cuja lealdade êle estivesse seguro, sem a menor sombra de dúvida.

Então o seu sorriso franco rasgava-lhe a bôca, e a sua natural emotividade abria-lhe o coração de par em par.

De aparência calma e cautelosa, porque conhecia a Terra e as manhas dos seus habitantes, punha-se em guarda contra as investidas da inveja e da malquerença, e quem falasse com êle pela primeira vez ficava um pouco chocado com a frieza do seu acolhimento, embora sempre correcto e amável.

Mas a sua alma, nobre e sempre pronta para os grandes lances de generosidade e patriotismo, nunca se negava a cooperar numa obra meritória.

Eu devo ao seu carácter diamantino um gesto gentilíssimo.

Quando o *Diário de Notícias* abriu a subscrição para o gigantesco vôo por sobre os mares, para figurar no "Livro de Ouro," era preciso subscrever com cem escudos.

Um nome glorioso e uma data triste

Eu não li bem as condições e, não querendo deixar de concorrer para tão prodigiosa proeza, mandei só vinte.

Vi depois o meu nome com a soma requerida, e perguntei ao Acúrcio Pereira, então chefe de redacção dêsse jornal, como se operára a multiplicação da minha pobre nota.

— É que o Sacadura Cabral, — respondeu êle — pôs do seu bolso o resto, para que o teu nome não deixe de inscrever-se no "Livro de ouro." Disse que não o faria por outrem, mas que tu o merecias pelo exemplo de trabalho que tens dado. E olha que ditas pelo Sacadura estas palavras valem muito!

Ficou-me gravada na alma esta acção e tenho nela sempre acesa a luz da saudade. Já, antes, Sacadura e Gago Coutinho

se ligaram à minha vida, por laços que nunca mais quebram.

Meu filho Marcelo agonizava, quando Portugal se desentranhava em aclamações aos dois valorosos aviadores.

Lado a lado, os jornais comemoravam o glorioso feito, e lastimavam as dolorosas condições em que eu me consumia à cabeceira da minha criança moribunda.

As minhas lágrimas tinham um sabor esquisito e raro. Corriam-me pelo rosto macerado pelas vigílias, enquanto que dentro de mim tocavam os sinos festivos do orgulho, por ser patricia e contemporânea de tais homens que vinham dar à gente lusa um novo brilho, rasgando mais largos horisontes a nossa ânsia de aventura.

São coisas que nunca esquecem, estas coisas.

Hoje, numa parede do meu quarto, o retrato do Marcelo alinha muito chegado às fotografias de Sacadura Cabral e Gago Coutinho, recordando uma dôr e uma glória que ao mesmo tempo me encheram a alma de pesar e de contentamento.

Sacadura Cabral, solteirão a modos de incorrigível, parecia que fôra afinal tocado a fundo pelas setas de Cupido, o teimoso Deus-menino que não desanima e espera, pacientemente, a ocasião de aliviar a sua aljava, no peito dos pobres mortais.

Dizia-se que estava noivo de uma gentilíssima senhora, quando partiu para trazer consigo o avião dos seus enlevos.

A sorte não quiz que êle conhecesse a ventura do amor sincero, e foi-se desta vida, tendo apenas provado dêle as grosseiras imitações de uns beijos mercenários e mentirosos.

Todos nós, os que amamos Portugal e nos rigosijamos de o vêr sempre mais alto e maior, os que não queremos adormecer sobre os loiros de passadas conquistas, devemos adorar os nomes que vão aparecendo em modernos lances de heroísmo ou de talento, e relembrar os que a morte vai roubando à nossa admiração e ao nosso convívio.

Sacadura Cabral, Nosso Senhor do Ar, deve ter um altar em cada peito onde bate um coração português!

Mercedes Blasco.



EM CIMA: Os gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral no palácio do Catete, do Rio de Janeiro, onde foram recebidos pelo presidente Epitácio Pessoa, na companhia do embaixador de Portugal sr. dr. Duarte Leite. EM BAIXO: O comandante Sacadura Cabral, de pé, no automovel, recebe os aplausos da multidão, na praça Mauá, quando da conclusão do «raid» Lisboa-Rio.

11-11-918

11-11-933

O DIA DO ARMISTÍCIO



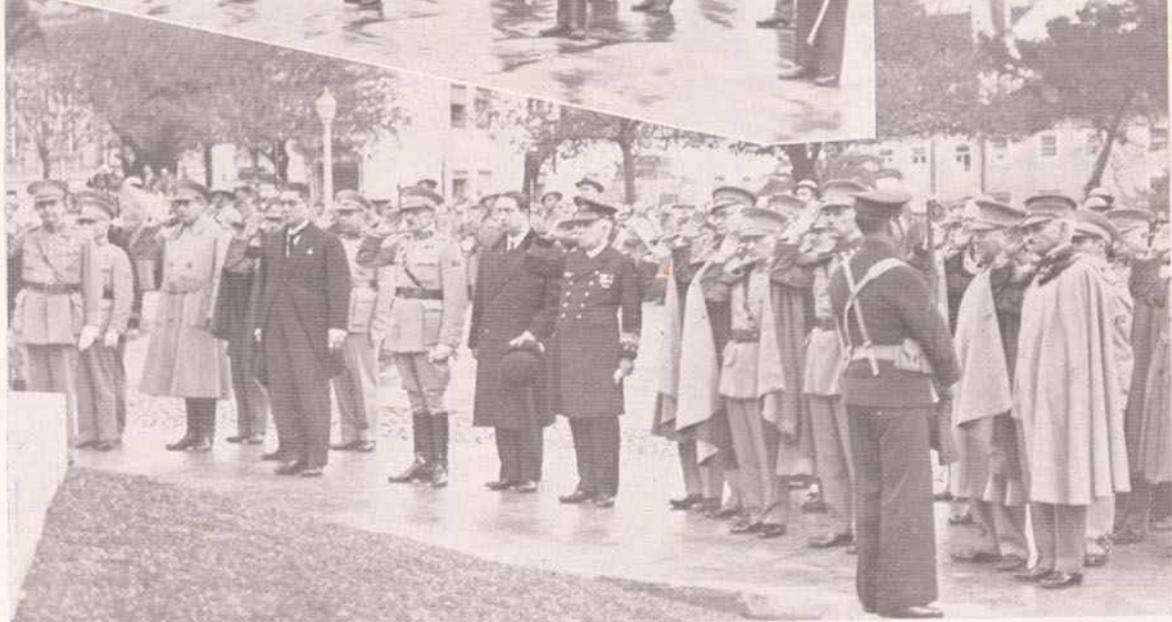
As cerimónias comemorativas do 15.º aniversário do armistício tiveram, em Lisboa, uma grande vibração patriótica. Além da costumada romagem aos túmulos dos antigos combatentes, no cemitério do Alto de S. João — romagem em que tomou parte um grupo de mães, viúvas e filhas de soldados portugueses que morreram em França e em África, — houve o desfile dos antigos combatentes perante o monumento aos mortos da Grande Guerra, em frente do qual se postaram as bandeiras de todas as unidades em parada. Compareceu todo o elemento oficial militar que se perfilou e fez a continência quando se ouviu o tiro de canhão que anunciava os dois minutos de silêncio.

EM CIMA, À DIREITA: As mães, viúvas e filhas de combatentes desfilando perante o monumento aos Mortos da Grande Guerra.

EM CIMA, À ESQUERDA: Os antigos combatentes passando, em continência, em frente do monumento.

AO CENTRO: As bandeiras e estandartes das diversas unidades formadas, com as arvores excoltas, a meio da rua central da Avenida da Liberdade.

AO LADO: O elemento oficial, entre o qual se vêem os ministros da Guerra, da Marinha e das Colónias, quando dos dois minutos de silêncio.





Vision oficialmente o Rio de Janeiro a Presidência República Argentina. A paragem do automóvel que transportava os srs. Getúlio Vargas e General Justus, a multidão aclamou os dois presidentes que tiveram de levantar-se para agradecer os aplausos.



O Presidente da República Argentina assistiu a uma parada de 30.000 homens. Ao sr. general Justus foram conferidas as honras de general de divisão do exército brasileiro.



Diante a estada no Rio de Janeiro do sr. general Justus assinou-se o Pacto anti-bélico entre o Brasil e a Argentina. Em cima vê-se o chanceler argentino assinando o importante documento.



O Pacto anti-bélico foi também feito entre o Brasil e o México, Uruguay, Paraguay e Chile. Em nome do Brasil — mostramos a gravura — assinou o ministro das relações externas sr. dr. Afrânio Melo Franco.

O que vai pelo Brasil

Por iniciativa dos jornais *O Século* e *A Noite* do Rio de Janeiro — a quem devemos a publicação das fotografias juntas — realizou-se na capital carioca a «Semana de Portugal», que foi inaugurada com os discursos rádio-difundidos dos srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, discursos que os jornais publicaram na íntegra. Houve desta maneira ensejo de fazer ouvir em todo o território brasileiro, onde vivem milhares de portugueses, as vozes do Chefe do Estado e do presidente do governo. Foi um acontecimento de grande efeito diplomático. O sr. general Carmona referiu-se ao acordo comercial luso-brasileiro, recentemente elaborado e salientou a excelência das sólidas relações entre os dois países. Saudou efusivamente a colônia portuguesa no Brasil. Por sua vez o sr. dr. Oliveira Salazar saudou em nome do governo o governo e o povo brasileiro, a cujo seio vivem centos de milhares de portugueses que ao Brasil dão o melhor do seu esforço e os melhores anos da sua vida.

Dias depois no Rio de Janeiro foram também rádio-difundidas as conferências escritas por algumas individualidades de maior destaque nos meios literários e artísticos portugueses.

No Gabinete Português de Leitura houve uma sessão solene, incluída na «Semana de Portugal», em que falaram, entre outros, os srs. dr. Justino Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, que leu a conferência do sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, e sr. João Luso, redactor de *A Noite* que traçou o perfil literário do sr. dr. João de Barros. A sessão presidiu o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, nosso embaixador.

A «Quintzena do Vinho do Pôrto» que foi promovida e organizada pela Câmara do Comércio e Indústria do Rio de Janeiro e que foi inaugurada pela visita ao nosso «stand» do sr. dr. Getúlio Vargas — que bebeu vinho velho da Madeira — decorreu animadíssima. Antes desta visita havia estado no «stand», onde fez um discurso patriótico o embaixador de Portugal.



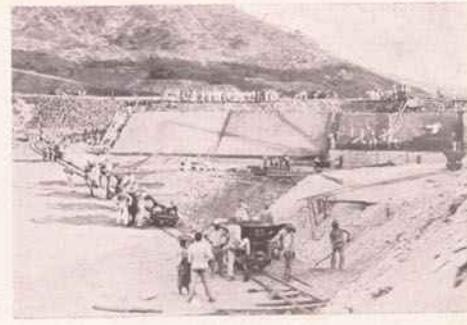
Na Feira das Amostras realizou-se a inauguração dos stands dos jornais *A Noite* do Rio de Janeiro e do *Século*. Ao acto assistiu o embaixador de Portugal, sr. dr. Martinho Nobre de Melo, entidades oficiais e representantes da grande imprensa.



No dia 15 de outubro efectuou-se na Feira das Amostras a inauguração da «Quintzena do Vinho do Pôrto». A fotografia foi tirada quando falava o embaixador de Portugal.



O Brasil é o segundo país produtor de cacão do mundo e o segundo país exportador desse produto. A colheita, este ano, no Estado da Bahia, foi importantíssima como dá mostra a gravura.



A seca deontou este ano muitos campos no Brasil. No Ceará, por exemplo, para obter a faz mal está-se construindo barragem como meio para salvar a vida dos homens e dos animais.

O 15.º ANIVERSARIO DA RESTAURAÇÃO DA POLÓNIA INDEPENDENTE

No dia 11 deste mês passou o 15.º aniversário da Restauração da Polónia. Esse dia é para os polacos uma festa especialmente evocadora, porque representa ao mesmo tempo uma homenagem ao marechal Pilsudski, que foi o criador do exército polaco e o fundador da República Polaca. A data de 11 de Novembro de 1918 foi o dia do armistício, o dia significativo do fim da guerra mundial. Mas para a Polónia ainda não o era. O verdadeiro armistício só chegou para ela, após uma renhida batalha com os bolchevistas, na qual saiu vencedor o marechal Pilsudski.

Para fazer uma ideia da importância mundial dessa vitória, transcrevemos as significativas palavras do eminente lord d'Abernon, ex-embaixador da Grã-Bretanha em Berlim e chefe duma missão especial na Polónia em 1920:

«A história contemporânea da civilização poucos acontecimentos conhece que possuam tão grande importância como o da batalha de Varsóvia em 1920. Se por acaso esse combate terminasse com a vitória dos bolchevistas, produzir-se-ia um retrocesso na história da Europa. Em momento algum os serviços prestados pela Polónia foram maiores, em momento algum o perigo foi mais terrível.»

Essa vitória, justo é dizê-lo, pertence ao marechal Pilsudski, quando dava às legiões fiéis as últimas ordens para mudar de posição, afim de repelir o ataque do inimigo, conseguindo com um contra-ataque fazer fugir em debandada todo o exército bolchevista.

Festejando ultimamente em Cracóvia a data comemorativa de 6 de Outubro de 1683 o regresso triunfante do rei polaco Jan Sobieski — libertador de Viena — o marechal Pilsudski ordenou que nessa revista militar só tomasse parte cavalaria.

Rita San.



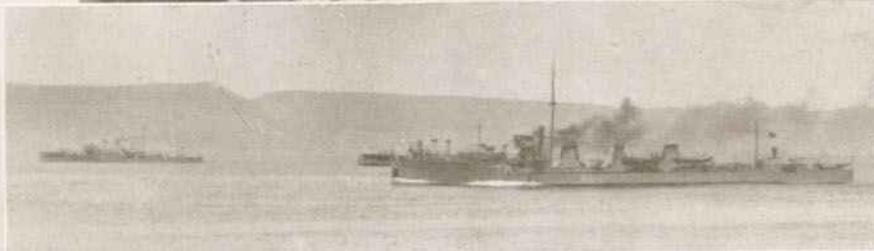
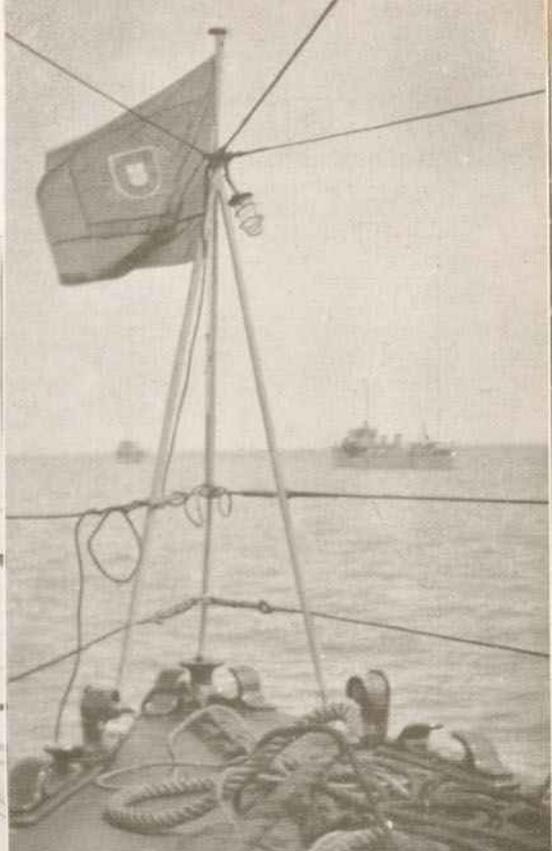
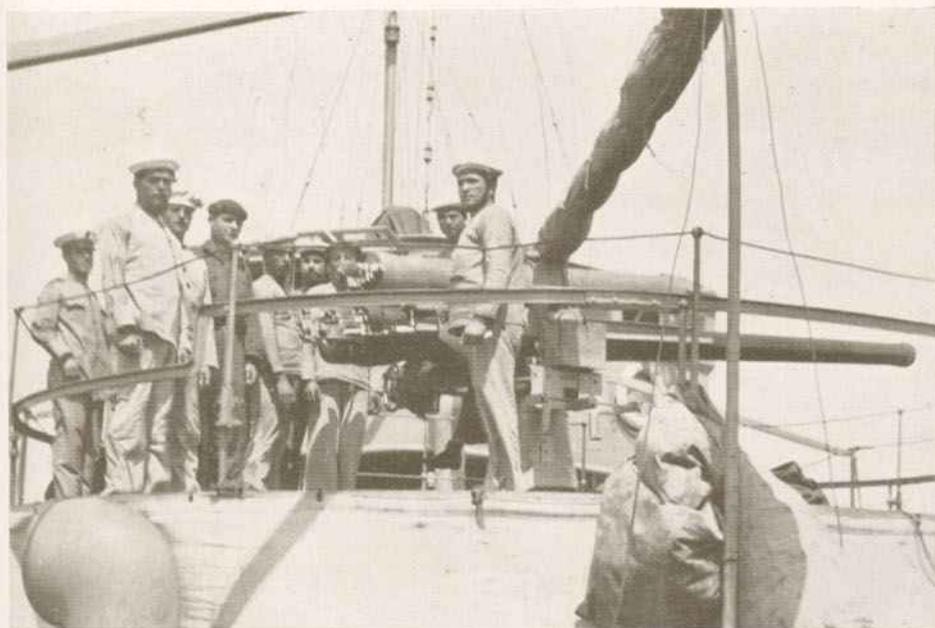
Em cima — O presidente da República Polaca e o marechal Pilsudski, saindo da catedral de Cracóvia, depois de visitarem o túmulo do rei Sobieski

Ao lado — O marechal Pilsudski, numa tribuna, assiste à passagem dos dez regimentos de cavalaria, que galoparam com a precisão dum mecanismo de relojaria. A essa parada assistiram muitos oficiais estrangeiros e todo o corpo diplomático acreditado na capital polaca

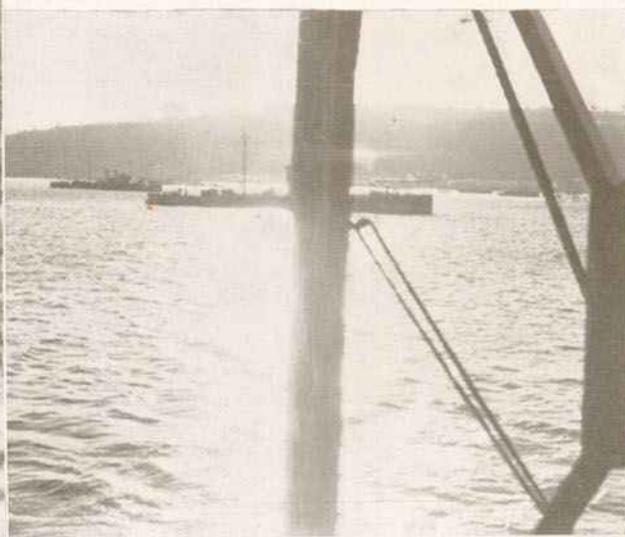
Em baixo — O desfile, em continência, dum batalhão de cavalaria



Os exercícios navais da flotilha ligeira de instrução

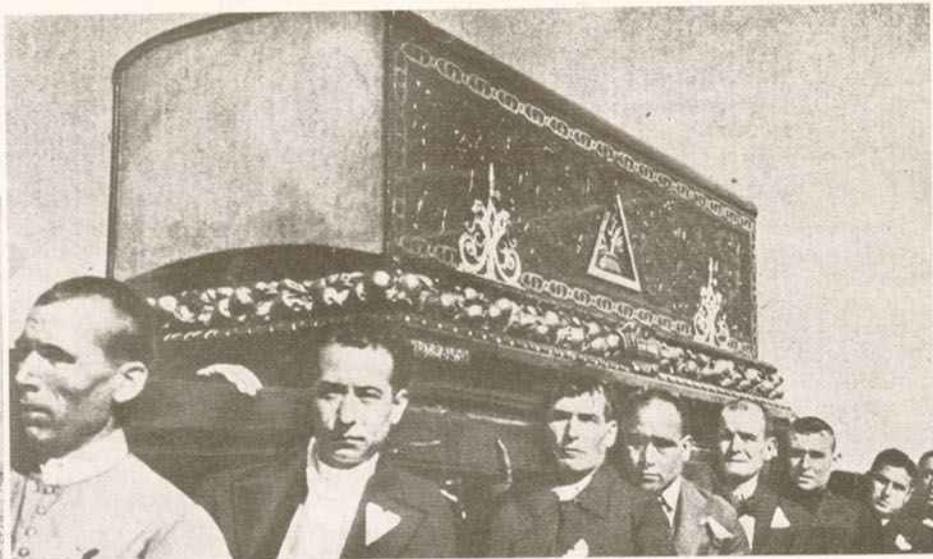
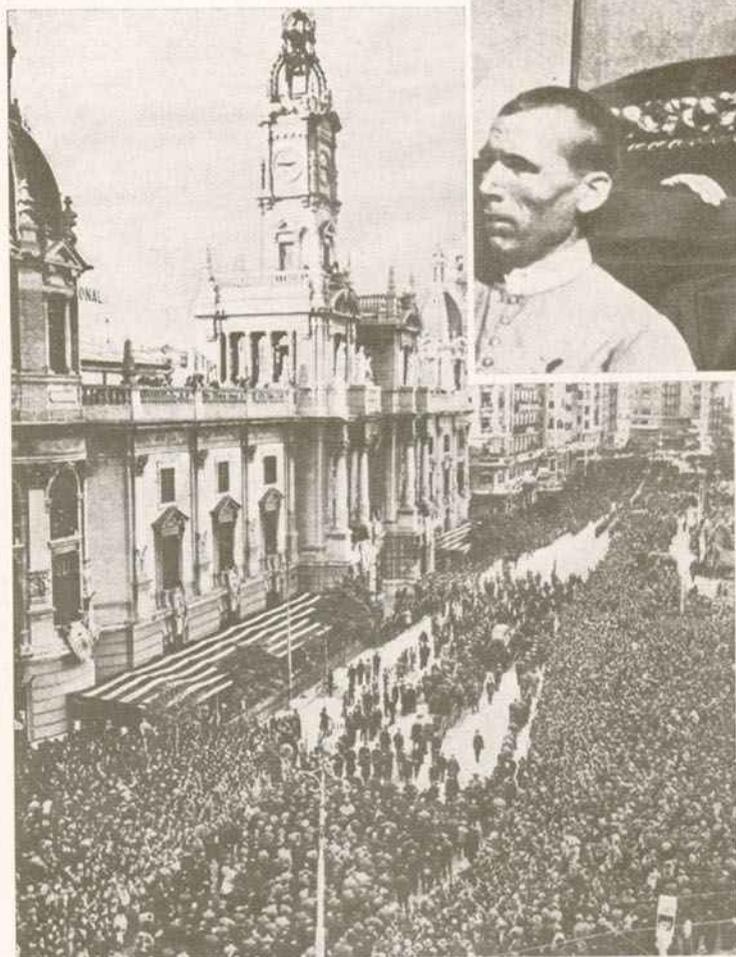


A flotilha ligeira de instrução, composta das unidades «Tamega», «Ave», «Liz», «Sado» e «Mondego», está há quinze dias ao largo do porto de Setúbal, fazendo exercícios de adiestramento e de preparação para o pessoal dos novos navios de guerra em construção. O comando da flotilha foi entregue ao capitão-tenente sr. Ortins de Bettencourt. O navio-chefe é o «Tamega». Os exercícios estão sendo executados em harmonia com o novo Regulamento de Evoluções no Mar, elaborado recentemente pelo Estado Maior Naval. Houve fogos reais, lançamento de torpedos, exercícios noturnos sem iluminação, etc. São os últimos exercícios em que só tomam parte navios antigos. As manobras da flotilha ligeira de instrução devem estar terminadas até ao fim do corrente mês.



O CADAVER DE
BLASCO IBAÑEZ

repousa já no solo pátrio



BLASCO IBAÑEZ foi, não só um escritor que marcou na literatura espanhola, mas um dos maiores novelistas dos últimos tempos. O seu nome, agora recordado pela trasladação dos seus restos para Valência — onde nasceu em janeiro de 1867 — ficará na história da literatura mundial. A cidade de Valência recebeu o cadáver do autor de «La barraca» condignamente. Mil cento e quarenta e sete bandeiras estavam ao longo das ruas por onde passou o cortejo fúnebre. Na praça Castelar, numa tribuna, o Presidente da República e quasi todos os membros do governo, assistiram ao desfile. A multidão apinhava-se no cais. A urna, que veio de França a bordo do cruzador «Jaime I», foi levada para o Club Náutico. Depois, hortelões e pescadores valencianos, solicitaram a honra de transportar o féretro que continham os restos do grande escritor. O caixão pesa 700 quilos. Foi necessário organizar cinquenta e duas equipas de vinte homens, que se renovavam em cada cem metros do percurso, através das ruas de Valência. Depois de atravessar a cidade e de passar o cortejo em frente do formosíssimo edifício do «Ayuntamiento», onde se erguiam — como se vê na gravura — enormes tribunas donde presenciou a passagem o elemento oficial, a urna deu entrada no edifício da «Longa». Durante todo o dia a multidão desfilou perante o ataúde. À cabeceira deste, foram colocadas 1.147 bandeiras dos regimentos e colectividades de Valência. O povo valenciano, após o cortejo, aclamou delirantemente Alcalá Zamora. O chefe do Estado espanhol, acedendo ao pedido para que falasse, pronunciou as seguintes palavras:

«Valencianos: Por respeto al muerto y por respeto a vuestra tradición republicana, sólo he de saludaros. No puedo hablar, pero si pudiese, guardaría silencio en este momento en recuerdo de Blasco Ibañez.»

À noite, houve no Teatro Principal, uma «Velada necrológica» em memória do insigne novelista. A sala de espectáculos oferecia um brilhantíssimo aspecto. No palco o retrato de Blasco Ibañez estava rodeado de bandeiras. Houve inumeros discursos. Usou da palavra Alcalá Zamora. A sua oração foi notável. Falou de Blasco Ibañez, da sua obra e do seu valor.



EM CIMA: A urna que contém os restos mortais de Blasco Ibañez levada pelos pescadores valencianos através da cidade de Valência. AO CENTRO: O cortejo fúnebre passando em frente do «Ayuntamiento». EM BAIXO: O notável novelista espanhol em sete épocas da sua vida

É conhecido o extraordinário êxito que obteve o livro «A destruição de Paris em 1936», há tempo posto à venda e que constitui uma grandiosa visão dum dos mais terríveis flagelos que pesam sobre a Humanidade, já tão duramente experimentada por conflitos sangrentos.

Nesse livro, encara-se, como já aqui o dissemos, a hipótese duma guerra entre duas grandes potências europeias em que cabe à arma aérea esse papel preponderante e decisivo que todos os técnicos são unânimes em reconhecer-lhe. De facto, a guerra assim imaginada termina pela vitória do país que melhor soube servir-se da sua aviação e que, por meio de bombardeamentos dirigidos contra a capital do país inimigo e os centros vitais da sua organização guerreira e industrial, consegue aniquilar todo o seu poder de agressão e lançar o pânico e a desordem entre a população adversária.

O autor deste livro, o major-aviador alemão Von Helder, conduz lóda a acção baseado neste princípio, e as cenas culminantes da sua obra, descritas com incontestável rigor técnico, são dum realismo e duma verosimilhança que impressionam profundamente o leitor.

Até que ponto, serão, porém, exactas as audaciosas previsões do aviador alemão? Não é fácil dizê-lo, antes duma experiência que muito seria para desejar se evitasse. Mas o que desde já se pode afirmar é que, a despeito da verdade técnica que domina no livro «A destruição de Paris em 1936», o autor parece ter menosprezado o valor dos meios defensivos que qualquer país não deixaria de utilizar em caso de semelhante agressão.

Não pode na verdade conceber-se que o desencaqueamento dum bombardeio aéreo se faça tão imprevistamente que não permita ao governo da nação atacada tomar certas precauções elementares.

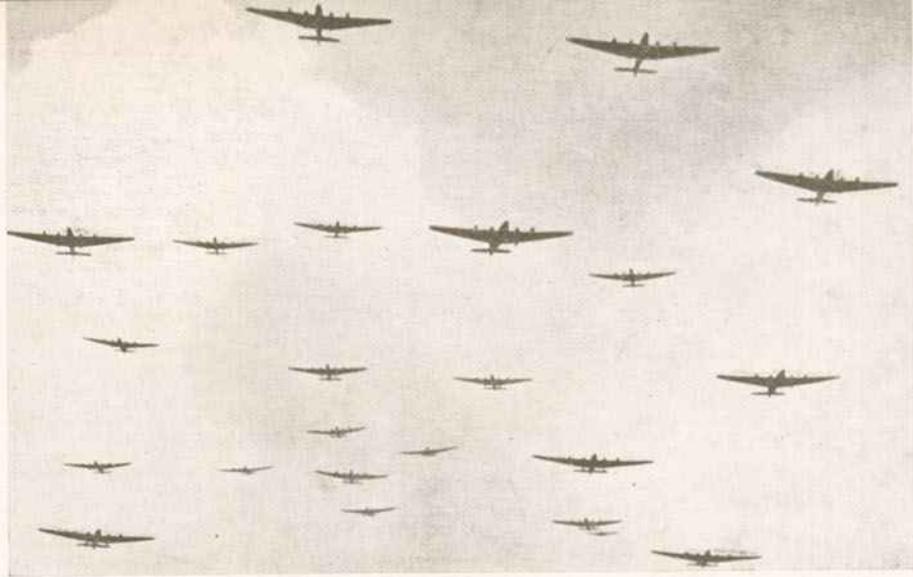
Do mesmo modo, a artilharia anti-aérea merece ser considerada apesar das deficiências que ainda oferece. Os grandes aviões de bombardeamento podem, na realidade, voar a cinco ou seis mil metros de altitude. Mas não escapam por isso ao alcance dos canhões de 105 e mesmo de 75. E se, a essa altitude, a regulação do tiro se torna difícil, o mesmo sucede para o lançamento de bombas, visto que não é possível alvejar objectivos de dimensões medianas. Por outro lado, sendo o avião extremamente vulnerável qualquer estilhaço do shrapnel pode causar-lhe sérios embaraços desde que atinja um dos muitos pontos sensíveis, como sejam as hélices, os motores, os cabos de comando ou os reservatórios de essência.

A isto tudo há a acrescentar os meios de defesa que poderemos chamar passivos. Os monumentos e edifícios mais importantes duma cidade podem ser protegidos por grandes massas de areia, como de resto já se fez durante a guerra de 1914-18.

Outro sistema defensivo consiste na rede de cabos de aço em torno das cidades, erguida por balões cativos a enorme altura. Esses cabos de aço, gigantesca teia de aranha em que os aviões vêm enredar-se para depois se despenharem no

mar.

EM CIMA: Uma esquadilha de aviões gigantes voando em formação. — EM BAIXO: Um submarino no momento de emergir.



À VOLTA DO LIVRO DE VON HELDERS

A serenidade da França ante o perigo dum ataque aéreo alemão

renidade. Não a perturbam as ameaças teutónicas, certa como está de lhes poder opôr uma resistência enérgica.

A este propósito é cheia de oportunidade a visão fantástica duma alta individualidade da Aeronáutica francesa que, baseada no extraordinário trabalho de Von Helder, se ocupou em imaginar uma agressão aérea vindo quebrar-se de encontro a uma vigorosa defesa.

Nas linhas que se seguem pode o leitor apreciar os meios com que conta a França para se pôr a coberto desse possível ataque e para inutilizar os propósitos de destruição do seu eventual inimigo.

Iniciamos hoje a transcrição desse curioso trabalho que, pela sua extensão, somos forçados a continuar no número seguinte:

NA manhã de 15 de Julho de 1936, um pouco antes do meio dia, Adolfo Hitler, chanceler do Reich, chamou ao seu gabinete o general von Hammerstein, chefe do estado-maior do exército. Era um homem de sessenta anos, alto e espadaudo, olhos claros num rosto oval e corado.

Saído respeitosamente o «fihrer». Este chamou o oficial de serviço.

— Não recebo ninguém — disse, certificando-se que a porta estava bem fechada e se encontravam sós no





gabinete de trabalho de janelas amplas. Voltando para a secretária, indicou uma cadeira ao general.

Sente-se — disse-lhe. Depois, sentando-se diante da vasta mesa de aço massivo, em cima da qual se desdobrava uma carta do estado-maior, começou em voz breve:

— Estamos a 15 de Junho. É preciso que, dentro dum mês, ataques a França. O nosso povo deseja ardentemente a desfora. Nada dispere para que ela possa ser brilhante. Suponho, general, que o exército se encontra preparado.

— Amãh... — artilheiro militarmente o chefe do estado-maior — com o simples pretexto de grandes manobras, posso conduzir 500.000 homens para as fronteiras.

O chanceler refletiu um instante:

— Quinhentos mil homens? Sim, com a condição de não incluír, sem o declarar, a Reichswehr e a polícia aquartelada. O essencial é não dispersar as forças. O golpe a tentar deve ser decisivo, e incidir sobre um único ponto: a França. E, em verdade, o único inimigo temível. Uma vez a França vencida, os outros povos não pensarão na balança. Por isso, todas as nossas forças devem ser concentradas no Reno. Neste momento, os nossos espíritos da Alsácia-Lorena receberão ordens para criar alguns incidentes de fronteira que um pouco de boa vontade bastará para transformar em excelentes razões para ataque.

— Não — diz o chanceler com voz incisiva — não lhe daremos tempo. A pretexto de represálias, lançaremos nesse momento uma esquadra de 250 aviões que irão, em três vagens sucessivas, bombardear Paris e os pontos essenciais do Norte e de Leste.

— Ao mesmo tempo, como para dar mais força e argumentação, o chanceler entregou ao general o seguinte relatório confidencial do general-inspector da aeronáutica:

— Em caso de ataque inesperado, dizia o relatório, pode contar-se com os seguintes efectivos contra o inimigo.

1.º — Cem aviões ou hidro-aviões de grande capacidade tipo K-15, munidos com várias metralhadoras

Trova avião-robô. A igreja da Madalena, em Paris, destruída pelo bombardeamento aéreo

a 6.500 metros de altitude, transportando 1.600 quilos de bombas a 300 quilômetros da base, e 1.900 quilos a 750 quilômetros da base; do tipo G-38 armado dum canhão e oito metralhadoras, com a velocidade de cruzeiro de 180 quilômetros à hora, capazes de subir a 6.000 metros e transportar 5.000 quilos de bombas a 300 quilômetros da base ou 2.600 quilos a 900 quilômetros da base; do tipo Ju-52-K armado dum canhão e quatro metralhadoras duplas transportando 1.200 quilos a 500 quilômetros da base.

2.º — Cento e oitenta aviões de capacidade média do tipo K-43, de dois lugares, armados de 3 metralhadoras, com a velocidade de cruzeiro de 200 quilômetros por hora, capazes de subir a 6.500 metros e transportar a 300 quilômetros da base 400 quilos de bombas; e do tipo «Heinkel 70», com a velocidade de cruzeiro de 325 quilômetros, subindo a 6.000 metros e conduzindo 400 quilos de bombas a 450 quilômetros da base.

— Pode ainda juntar-se a estes números, — diz o general — 500 a 600 aviões diversos que seria possível utilizar para bombardeamentos ocasionais.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

duplas, eventualmente dum canhão, atingindo a velocidade de cruzeiro de 210 quilômetros por hora, subindo

de 6.500 metros de altitude, transportando 1.600 quilos de bombas a 300 quilômetros da base, e 1.900 quilos a 750 quilômetros da base; do tipo G-38 armado dum canhão e oito metralhadoras, com a velocidade de cruzeiro de 180 quilômetros à hora, capazes de subir a 6.000 metros e transportar 5.000 quilos de bombas a 300 quilômetros da base ou 2.600 quilos a 900 quilômetros da base; do tipo Ju-52-K armado dum canhão e quatro metralhadoras duplas transportando 1.200 quilos a 500 quilômetros da base.

2.º — Cento e oitenta aviões de capacidade média do tipo K-43, de dois lugares, armados de 3 metralhadoras, com a velocidade de cruzeiro de 200 quilômetros por hora, capazes de subir a 6.500 metros e transportar a 300 quilômetros da base 400 quilos de bombas; e do tipo «Heinkel 70», com a velocidade de cruzeiro de 325 quilômetros, subindo a 6.000 metros e conduzindo 400 quilos de bombas a 450 quilômetros da base.

— Pode ainda juntar-se a estes números, — diz o general — 500 a 600 aviões diversos que seria possível utilizar para bombardeamentos ocasionais.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

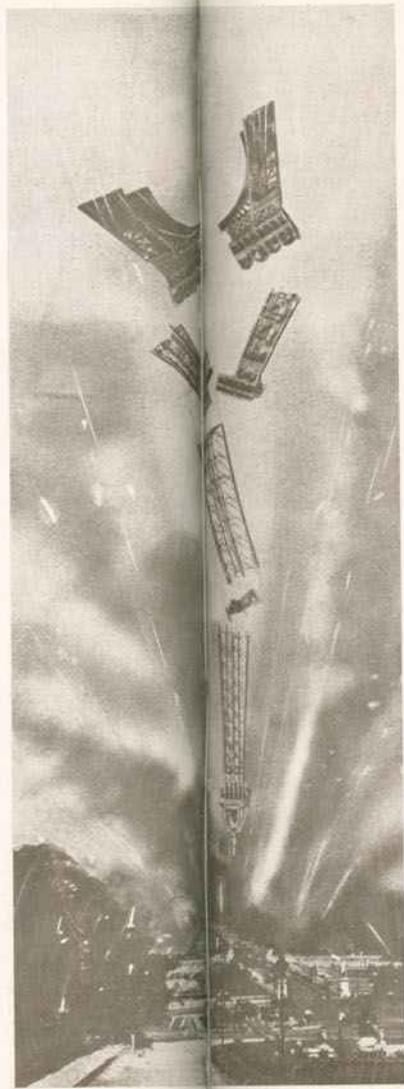
— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.



O invasão de um submarino. Um Eslo projectado no espaço por um projecto explosivo

manha, a concentração das unidades que devem participar em grandes manobras da região situada a leste da Alemanha, em frente a Colonia e Coblenz, começou a 5 de Julho. Começaram em vinte divisões, a maior parte das quais motorizadas, as forças que devem participar nos exercícios, sem contar as numerosas unidades de artilharia das reservas gerais e os carros de combate.

Grupos de transporte de pessoal estão reunidos em Colonia e nas aldeias do sul desta cidade até meio caminho de Coblenz.

Os campos de aviação da região estão todos ocupados; outros «Mém disto, há alguns dias, na margem direita do Reno, em frente de Estrasburgo, tem-se efectuado exercícios militares. Assim-se que se trata, sobretudo, de exercícios de artilharia de grosso calibre.

silencioso. Um guarda dormitava num banco.

OS BASTIDORES DA DEFESA

A 20 de Junho realizava-se uma reunião em Paris, rua Saint-Dominique, no gabinete do presidente do Conselho e ministro da Guerra. Assistiam o ministro e o chefe do gabinete, e o chefe do estado-maior do exército e o coronel director da 2.ª repartição.

As notícias que recebemos dos nossos agentes — expunha o ministro com voz calma mas grave — foram reconhecidas exactas e tiveram já confirmação no anúncio de grandes e próximas manobras feito nos jornais alemães. É preciso, portanto, estarmos preparados para todas as eventualidades. É necessário, por isso, tomar medidas de protecção; é preciso, igualmente, garantir ao mesmo tempo as fronteiras e preparar a réplica, mas que tudo seja feito sem carácter oficial, facto que provocaria inutil alarme.

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

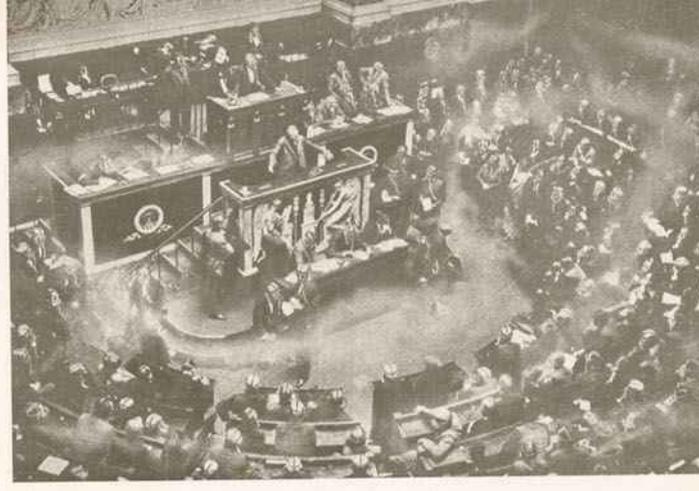
— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade



Vista da fronteira. A Câmara Municipal de Brétille (França) rasada sob uma atmosfera de gases

— As unidades de infantaria que temos tomamos parte são em número reduzido.

— Julgamos poder alcançar, tanto as manobras da região de Colonia inquietam o governo francês, quanto é certo dar pouca importância aos exercícios da região de Estrasburgo, pois o Reno constitui, com efeito, uma barreira que o exército alemão é preciso, portanto, estarmos preparados para todas as eventualidades. É necessário, por isso, tomar medidas de protecção; é preciso, igualmente, garantir ao mesmo tempo as fronteiras e preparar a réplica, mas que tudo seja feito sem carácter oficial, facto que provocaria inutil alarme.

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.

Depois destas palavras, o chanceler levantou-se. A audiência terminara.

— Penso que isso não será necessário — diz Hitler sorrindo — Considere que desde logo podemos lançar mais de mil toneladas de bombas sobre Paris. Ora os cálculos dos nossos engenheiros são exactos: para destruir a «gare» de Reims, de Troyes ou de Dijon, cinquenta toneladas de bombas bastam; para destruir uma «gare» muito importante: Paris-Norte ou Paris-Leste com os edifícios anexos, são precisas 250 toneladas. As nossas esquadras de bombardeamento, atacando de «improvisto» a capital da França, lançarão o país inteiro na mais completa confusão. É o pânico da população, a desorganização dos serviços públicos; o terror e a morte invadindo Lion, Lille e Bruxelas. O governo depressa se desmantelará e o estado-maior ficará desorientado. Ao mesmo tempo, as nossas tropas atravessarão a fronteira. As suas famosas fortificações encontram-se mal guarnecidas, porque as tropas de cobertura não serão sequer prevenidas a tempo para atingir as suas posições. Quatro dias depois do nosso brusco ataque, poderemos, creiamos, ditar condições ao governo francês, que se submeterá sob a pressão da população aterrorizada.

Hitler falava calmamente. Os dois homens permaneceram silenciosos e passivos alguns instantes.

— Todavia, o general, que participa na guerra anterior e viu fracassar projectos que pareciam tão bem elaborados, pediu licença para formular uma objecção. O chanceler fitou-o e a cabeça o velho soldado deduciu a causa da «dúvida» e connecta-lhe a fidelidade

de, mas não ignorava também o seu valor militar e as qualidades do seu espírito crítico.

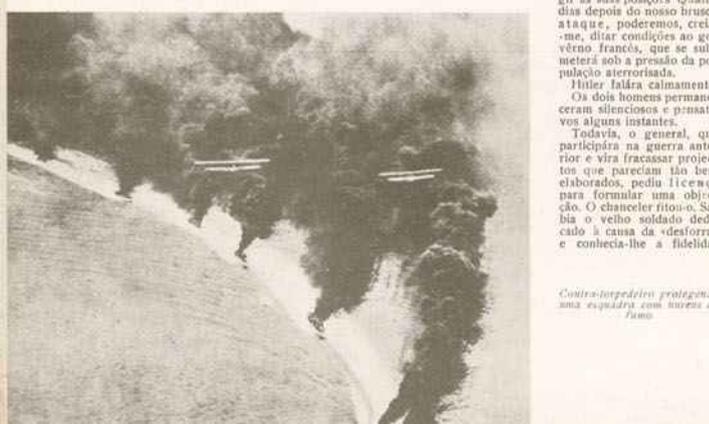
— Fale! — disse-lhe. — Em resumo — observei então von Hammerstein, — o objecto do nosso plano depende inteiramente do efeito de surpresa do ataque. E sobre esse ataque de surpresa que deve incidir o nosso esforço; ora, se apesar de todas as precauções e da preparação perfeita, as circunstâncias se apresentarem desfavoráveis; se — e preciso prevêê-lo — uma tempestade impedisse o avanço da nossa esquadra aérea ou outros acontecimentos imprevisíveis... se, numa palavra, não obtivéssem êxito senão em parte... ou... nemhum.

Hitler teve um grande gesto de desânimo e, num murmúrio quase ininteligível, disse:

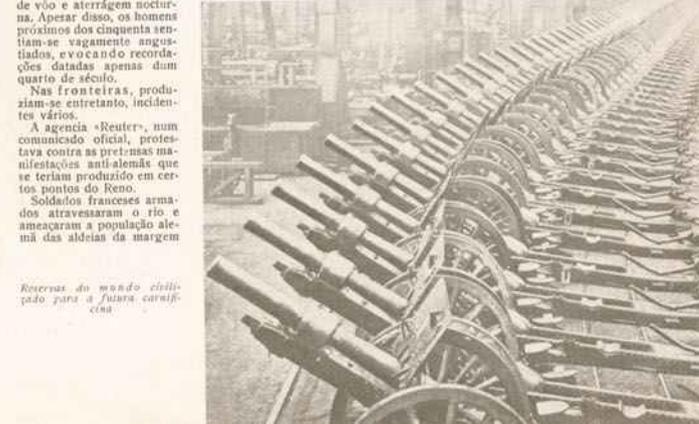
— Se isto acontecer... então nada mais havia a esperar. Seria o fim... o fim da Alemanha... e o nosso.

— Mas este desânimo foi curto; e continuou com voz firme:

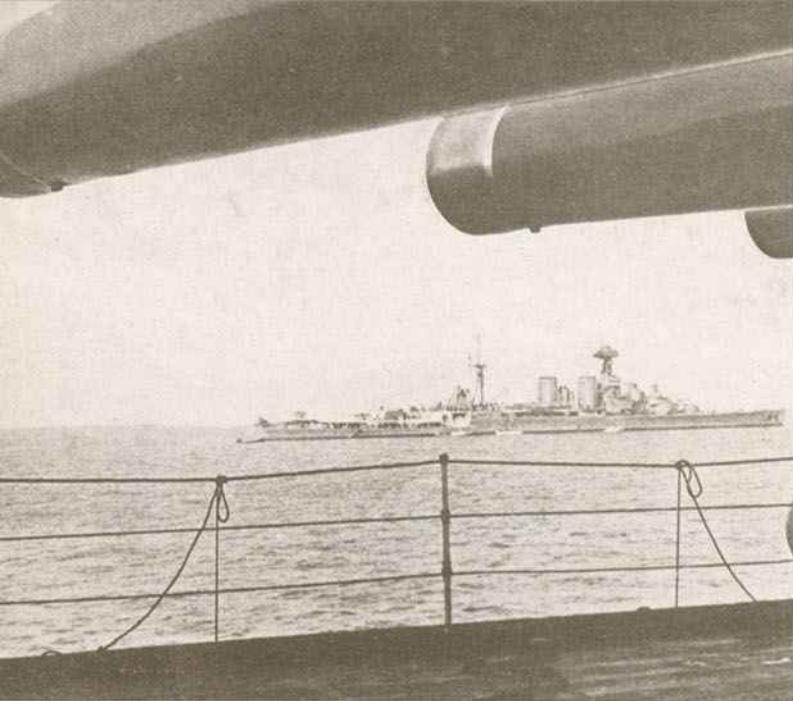
— Seja qual for a sua opinião, general, conserve-a secreta. Saiba que a Alemanha inteira está de alma e coração connosco. Dentro de um mês, a hora indicada, o general comandará a aviação e eu colocarei-me à sua disposição. É preciso triunfar. Deus está connosco.



Contra-bombardier protegido uma esquadra com horas de fumo



Reservas do mundo civilizado para a futura campanha



deamento e as nossas esquadrias em plena actividade. A vida continuava normal.

Ora o Alto «Comité» Militar reunia, há alguns dias, em sessão permanente, no ministério da Guerra.

Constituíam-no, além do presidente do Conselho, ministro da Guerra, o ministro do Ar e o da Marinha, o generalíssimo, os chefes do Estado Maior dos três corpos do exército e o general comandante da defesa aérea do território.

O presidente do Conselho, na manhã de 14, tomou a palavra:

— Pode acontecer que o ataque projectado se desencadeie numa das próximas noites. Estão tomadas todas as precauções?

O general comandante da defesa aérea desenrolou um mapa do Estado Maior.

— Segundo as nossas informações, — explicou, indicando pontos vermelhos na carta — as concentrações de aviões alemães estão feitas em todos os campos da região Colonia-Coblentz, onde terrenos suplementares foram preparados nos últimos dias. Em caso de ataque, dirigir-se-ão, certamente, para o vale do Mosa, descendo depois até Paris. As nossas esquadrias do Bourget podem partir imediatamente. Compõem-se, como sabem, de cerca de 200 aviões de vários lugares, tri e quatri-motores e que, em disposição de combate, podem, com 5 pessoas a bordo, canhão e metralhadoras, disparando em todos os sentidos, atingir a velocidade de 250 quilómetros e subir até 7.000 metros. Duzentos balões captivos estão cheios e prontos a subir; ligados entre si por cabos, rodearão Paris, durante a noite, numa rede de protecção de malhas disfarçadas. No espaço de uma hora, os terrenos característicos e numerosos pontos estratégicos serão camuflados e, em toda a parte, onde a configuração do solo possa servir de referência, os aparelhos de lançamento de fumo estão prontos a funcionar e cobrir com uma cortina de fumo os arredores de Paris. Enfim, em oito linhas sucessivas que os aviões terão de atravessar entre a fronteira e Paris, cem baterias contra-aviões, ou sejam 400 canhões de 75 e 105, estão agrupados em postos de tiro de duas, quatro ou seis peças, cada uma municiada com vários milhares de obuses; algumas destas peças, montadas sobre caminhos, podem deslocar-se rapidamente; acrescentam-se as metralhadoras e os projectores poderosos cujos feixes luminosos entregarão o inimigo ao fogo dos artilheiros.

— A que distância de Paris se encontram os aviões alemães? — perguntou o presidente do Conselho.

— Cerca de 450 a 500 quilómetros ou sejam apenas duas horas e meia a três horas de voo; de resto, graças aos nossos postos de escuta e aos nossos centros de informações, que se estendem como uma teia de aranha sobre o território, seremos avisados bastante a tempo para que a ordem de alarme seja instantaneamente transmitida aos serviços de defesa, e para que todos estejam preparados a entrar em acção no momento preciso. Os nossos serviços de alarme departamentais estão já perfeitamente instruídos e o alarme transmitido por esses serviços chegará a tempo não só às grandes administrações públicas, mas a todos os comandos dos pontos sensíveis e susceptíveis de serem atacados. Da fronteira até aqui, os nossos postos de vigilância estão dotados dos mais aperfeiçoados aparelhos de escuta e de transmissão e de centro em centro de informações o grito de alarme chegará até nós.

— Enquanto tempo será avisado?

— Um quarto de hora depois dos aviões inimigos terem transpellido a fronteira; mas para apurar exacta-

Paisagem marítima onde avulta a sonda dos canhões

mente a direcção definitiva por eles tomada, conto cerca de meia hora.

— E quanto tempo para executar a extinção das luzes e fazer abrigar a população?

— Vinte minutos!

O ministro voltou-se para o perfeito da polícia que acabava de chegar, especialmente convocado:

— Fez tudo o que era preciso?

— As mascaras foram distribuídas por toda a parte, senhor presidente, há vários meses, a quando das conferências públicas e dos exercícios de protecção ordenado pelo governo; as caves e os abrigos foram visitados secretamente assim como a estação do «metro». Em cada bairro, como não ignora, inscrições e setas foram colocadas para dirigir os habitantes das casas que não tem abrigos suficientes para os abrigos mais próximos. Os bombeiros estão organizados convenientemente para a recolha dos produtos da policia tornou-se o orgão centralizador das informações relativas a este assunto. Todos os agentes receberam instrução, há já vários anos, para não só auxiliar a organização da protecção colectiva, mas também para prestar os primeiros socorros em caso de entoxicação ou asfixia. Não são de temer excessivamente os supostos perigos de certos produtos como o cloro, o ácido cianídrico e até o óxido de carbono. Só a yperite é verdadeiramente perigosa; por isso um pessoal de socorros está preparado para cuidar dos doentes e, terminado o alarme, para fornecer instruções concernentes ao arejamento dos locais contaminados, a pulverização de líquidos de-infectantes, e a obturação dos buracos causados pelos projecteis com uma mistura de terra, areia e cloreto de cal. O perigo incendiário aéreo mereceu toda a minha atenção. As bombas com base de fosforo branco dissolvido em sulfureto de carbono tem, como sabem, substituídos os engenhos leves do peso aproximado de 1 quilo, chamados bombas Elektron, que rebentam ardoendo à temperatura de cerca de dois mil graus.

Esta lava de metal encandescente atea focos de incendio, e não pode utilizar contra ela água, que avivaria a chama decompondo-se em virtude da alta temperatura. Combateremos os efeitos imediatos com a projecção de areia e terra. As possibilidades de agressão desta categoria fizeram-me estabelecer um serviço de vigilância dotado de avisadores e em comunicação com os abrigos sanitários. Os bombeiros terão aparelhos protectores contra o incendio: sacos de areia, extintores com projecção de espuma ou líquidos incombustíveis. Eles próprios estarão vestidos com trajes ignífugos. Enfim, espessas camadas de areia estão colocadas sobre os tetos e sobre os primeiros pavimentos dos monumentos e de todos os edificios que recebi ordem de proteger; esses trabalhos tem sido executados, há já varios dias, a pretexto de reparações. O Banco de França, a Biblioteca Nacional, o Louvre, entre outros, estão protegidos por este meio. Finalmente, fiz colocar na cidade, um pouco por toda a parte, a pretexto de experiências altos falantes que permitirão ao governo permanecer em contacto com a população.

— Sim! lembrei-me — explica o presidente do Conselho — de falar directamente ao pais, porque penso ser o melhor meio de infundir confiança.

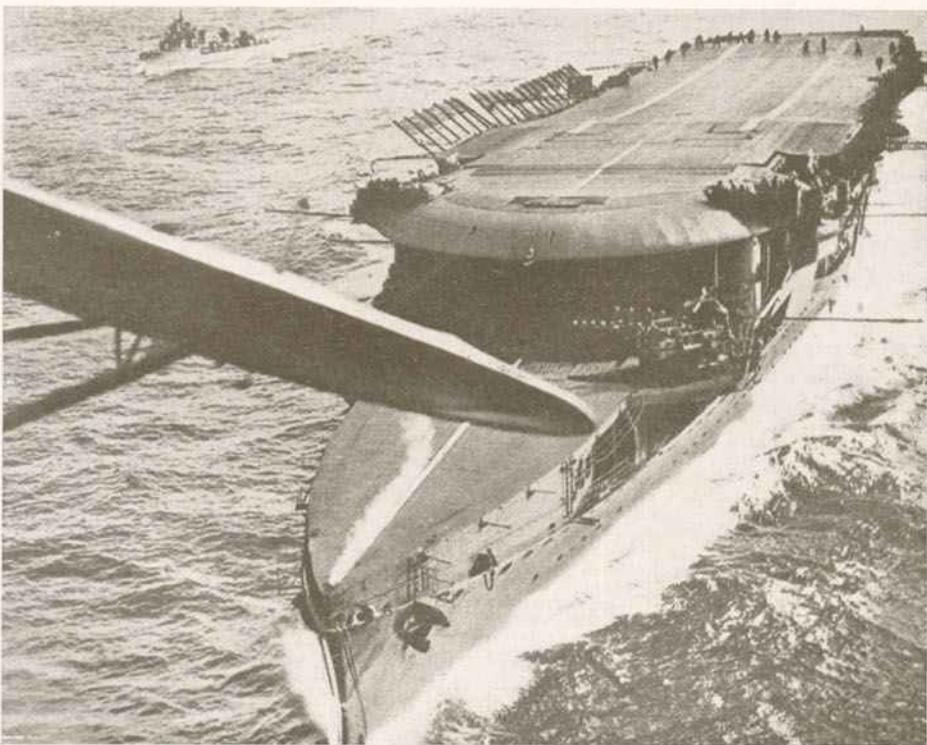
E nessa mesma tarde, com efeito, o chefe do governo enviava pelo radio a seguinte mensagem:

«Desagradáveis boatos sobre projectos de brusco ataque por parte dos alemães espalharam-se no pais e parece terem por fim assustar as populações. Nada, até agora, permite acreditar nessas intenções absolutamente injustificadas, e que provocariam a indignação do mundo inteiro. Mas supondo, por momentos, que tal acto se realize, temos de dizer que a França deverá permanecer tranquila e confiar no governo para organizar rapidamente a defesa e sejam quais forem as circunstâncias. De resto, que todos aqueles que viverem nas horas de 1918 se lembrem do pouco efeito dos bombardeamentos aéreos.

«As estatísticas mostram que, dos aviões enviados sobre Paris, dois terços regressaram depois de, á pressa, haverem lançado as bombas nos campos. Dos 450 aviões alemães que passaram as nossas linhas em 1918 para bombardear Paris, só realmente 35 atingiram este objectivo bem defendido. O perigo provirá das bombas de gazes, esse perigo é incontestável, mas é preciso lembrar que são necessárias toneladas de gaz para verdadeiramente infectar um quilómetro quadrado. Para uma grande cidade, centenas de toneladas seriam precisas, mesmo com condições meteorológicas favoráveis. Ora se todos obedecerem, colocando a sua máscara e submetendo-se á disciplina do alarme, os riscos encontrar-se-ão reduzidos ao mínimo. No caso de acontecimentos imprevistos, o governo não cessaria de estar em ligação constante pelo radio e os altos falantes com a população. O próprio presidente do Conselho, de manhã e á tarde, dirigirá-se-ha directamente ao pais».

Esta primeira mensagem foi lançada em 14, ás nove da noite.

Entretanto, do outro lado do Reno, as formações dos Junkers e dos super-Dornier aprontavam-se, essa mesma noite, para partir.



O porta-aviões — a unidade moderna das esquadras

A CARREIRA

dum pintor moderno

TEM-SE repetido vezes sem conto que em Portugal não ha uma «arte nacional», expressão autêntica da nossa raça e da nossa sensibilidade.

É uma verdade e bastante dolorosa que seria inutil dissimular. Mas a verdadeira origem dessa triste circunstância, que nos inferioriza, está no facto de não existir no nosso país ambiente artístico que permita o desenvolvimento das vocações que surgem.

Porque a verdade é que em Portugal nascem artistas, tão naturalmente como em qualquer outro recanto do globo. Falta-lhes porém o meio propício á sua livre evolução. E o resultado é que quasi todos elles succumbem ante as dificuldades que se lhes opõem, como plantas que se estiolam no ar sôdigo dum suguão.

Guilherme Felipe constitue um milagre de sobrevivência que se deve em grande parte ao facto de ter vivido grande parte da sua carreira longe do ambiente nacional. Não deixou por isso, felizmente, de ser um artista bem português, como tôda a sua obra o atesta. Mas o sentimento nacional, que estava dentro d'ele e com elle, só lá fora encontrou horizontes vastos e propícios á sua expansão.

É curioso saber com a personalidade artística de Guilherme Felipe se formou para se avaliar quanta energia e persistência é necessária a um artista para manter despertos o espirito e inspiração que o animam.

Como sempre acontece, Guilherme Felipe teve de lutar contra a hostilidade do ambiente, e isto desde os alvôres da sua vocação. Numa conversa que com elle tivemos ha tempo, revelou-nos elle essa fase da sua existência pelas seguintes palavras:

— Minha família (áparte minha avô que tinha a intelligência dos grandes espiritos animadores) foi sempre adversa á vida de espirito. Nunca me perdoou o não ter escolhido uma profissão que me garantisse «um tanto por mês».

A sua paixão da liberdade e da independência afastaram-no da Escola de Belas Artes. Preferia ir em busca de «sitios» nos arredores da cidade e comprazia-se em delinear as paisagens suaves de Sintra, da Praia das Maças, de

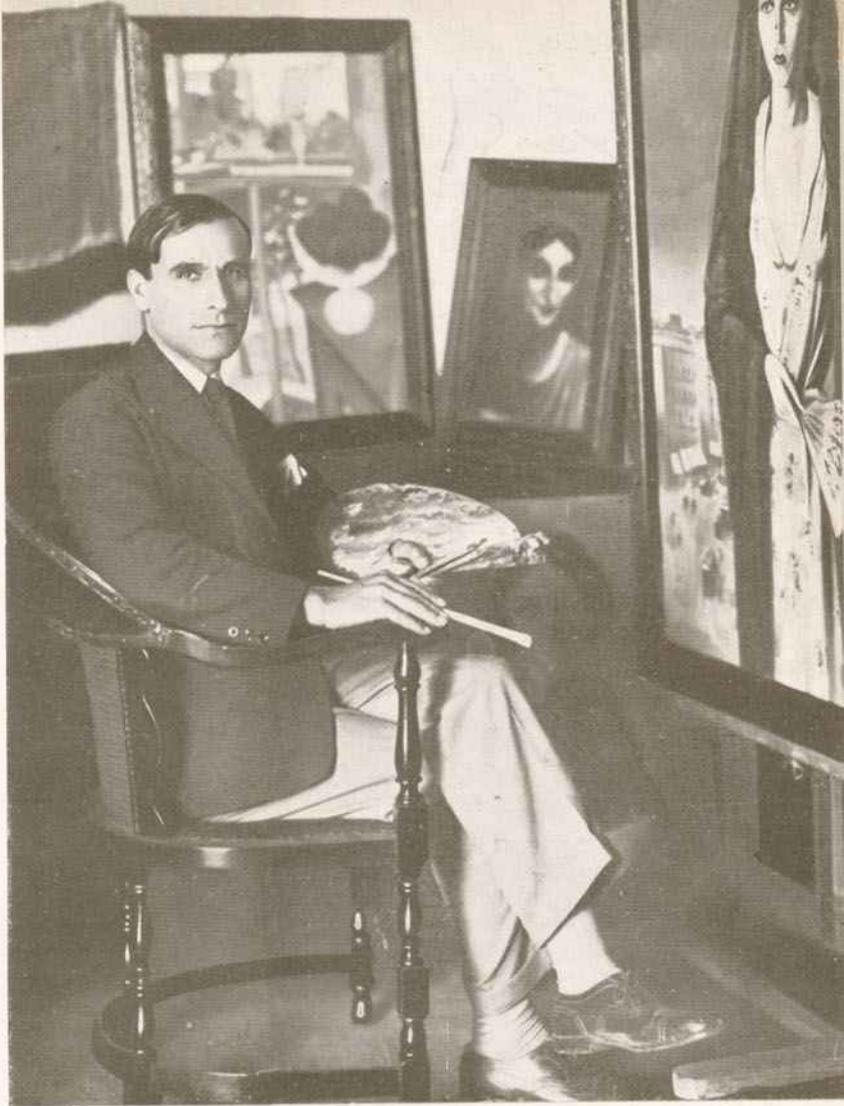
Queluz e de tantos outros recantos pitorescos que por aí abundam. Á noite frequentava os cursos livres da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Por essa época começou a frequentar os «ateliers» de Malhóa e Conceição e Silva que viam com simpatia o joven pintor e o animaram com seus conselhos a seguir a sua vocação. Foi no último destes «ateliers» que pintou o seu primeiro quadro que intitulou «O Infante de Sages». Proporcionou-se-lhe então uma viagem a Espanha e viveu em Madrid, onde os muscus, as exposições, o convívio com os pintores do país vizinho, tudo enfim o que constitue o ambiente

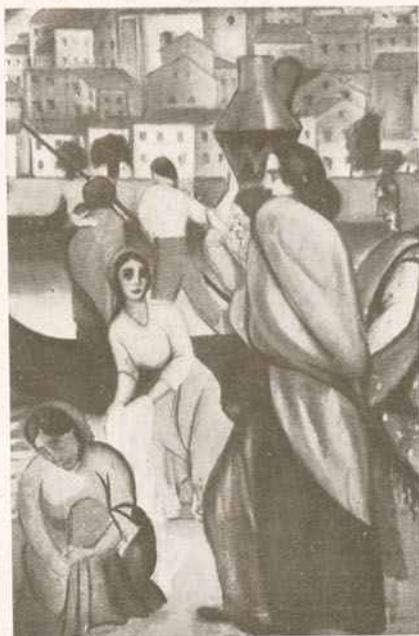
artístico da capital espanhola o reteve largo tempo.

De parçaria com os escultores José Planes e José Clará, estabeleceu um «atelier» em Madrid. A sua estreia consistiu em pintar o quadro «Salomé», obra de fôlego que, pelas suas enormes dimensões não coube pela porta do Palácio da Exposição Nacional e que, por esse motivo, teve de ser exposta ao público na avenida do Uruguay, no Retiro, pendurada numa árvore.

De Madrid, Guilherme Felipe partiu para Toledo onde conviveu largo tempo com o genial caricaturista Baga-ria.



O pintor Guilherme Felipe no seu «atelier» de Madrid



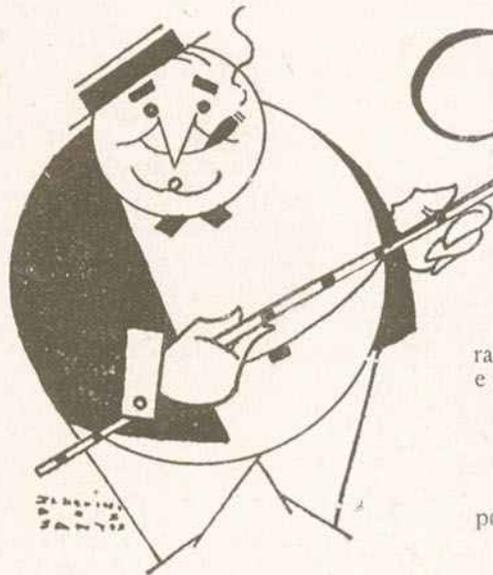
O quadro «Coimbra» de Guilherme Felipe, adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Madrid

Regressou mais tarde a Portugal no momento em que se esboçava um forte movimento de renovação da Arte portuguesa. Em 1923 realizou em Coimbra a sua primeira exposição pessoal, cujo catálogo, editado pela Imprensa da Universidade, contém lisonjeiras e justas críticas á sua obra de diversos escritores de nomeada como Eugénio de Castro, Vergílio Correia, Ramon Gomez de la Serna, Correia Calderon, Afonso Duarte, António Ferro, António de Sousa e João do Ameal.

Pouco tempo depois realizou nova exposição em Lisboa, após a qual partiu para Paris. No caminho fez exposições em Corunha, Oviedo, Santander e Bilbao, em cujo museu existe um quadro seu. Após curta demora em Paris regressou a Madrid onde prosseguiu a sua actividade artística que lhe valeu uma sólida reputação.

Outro trabalho de Guilherme Felipe encontra-se exposto no Museu de Arte Moderna de Madrid, distincão de que só raros artistas se podem orgulhar. Trata-se do quadro «Coimbra», obra de traço moderno reveladora de profunda intuição e vigorosa técnica.

Actualmente, Guilherme Felipe encontra-se em Portugal e acaba de fundar no Estoril uma Escola de Acção Artística, iniciativa interessante que muito pode contribuir para renovar o ambiente artístico do nosso país e que é, estamos convencidos, o primeiro sinal dum salutar movimento de reacção em favor da Arte nacional.



à pesca

guinte, na feira, quando alguém lhe perguntava o preço do cavalo, respondia logo:
— Só se vende com a manta que tem em cima. O cavalo é baratíssimo, custa apenas cinquenta mil réis e a manta um conto e novecentos.

Numa estação do Caminho de Ferro:
— Faz favor de me dizer a que horas sai o comboio das onze e quarenta e cinco?
— Ao meio dia menos um quarto.
— Que massada! Estão sempre a mudar os horários...

A tinta dos chocos não é Waterman, porque os chocos não têm penas.

Numa igreja:
Uma beata — Que horas são?
Outra beata — "Ora pro nobis."

Entre automobilistas:
— Eu ia com uma velocidade tão grande, tão grande, que as árvores da estrada pareciam uma só árvore.
— Isso não é nada. Eu ainda ontem levei o carro tão embalado, tão embalado, que os postos quilométricos davam a impressão dum muro fechado.
— Pois eu, disse o terceiro, andei ha dias a dar voltas ao Campo Grande e ia tão depressa, tão depressa, tão depressa, que cheguei a vêr o número que o meu carro tem na parte detrás.

— Porque é que um galo, quando canta, fecha os olhos?
— Porque sabe de cór o que tem de cantar!

— Como é que se diferencia um tintureiro dum sino?
— E' muito fácil. O tintureiro tinge e o sino tange.

— Em que se parecem um "nazi" e um comunista, com um homem que vive na Europa e um outro que vive na América?
— Em que não se podem vêr.

— E seu pai?
— Está na mesma. Ontem os médicos fizeram uma conferência.
— E estiveram de acôrdo?
— Sim senhor. Estiveram todos de acôrdo em receber um conto de réis cada um.

Num teatro lírico:
— Porque dizem que êste tenor tão mau, é de primeira ordem?
— Porque na seguuda ordem já se não ouve.

Um cigano, surpreendido por uma enorme tempestade a meio da estrada, quando ia a caminho duma feira para vender um cavalo, ofereceu ao seu Deus, dár aos pobres, o produto da venda do cavalo, se não morresse fulminado por um raio. Salva-se o cigano e no dia se-

— O senhor é, por acaso, o cavalheiro que ontem me deu uma bofetada?
— Não senhor.
— Não é?
— Não senhor.
— Tem a certeza?
— Tenho sim senhor.
— Então quem é o cavalheiro?
— O que lhe dará a bofetada hoje.

O cúmulo dum falador:
"Ser maneta e falar pelos cotovelos."

— Então você, tio Francisco, já não é o homem mais velho cá da aldeia?
— Não senhor. Fui reformado por limite de idade.

— O António só tem dois grandes feitos. O primeiro é pedir dinheiro emprestado.
— E o segundo?
— E' não o pagar.

— Disseram-me que voltava a casar-se.
— E' verdade, doutor. Vamos a ver se serei mais feliz do que fui da primeira vez.
— Tenha cuidado, minha senhora. As recaídas são sempre mais graves do que as doenças.

— Onde vais passar êste verão?
— A Marrocos.
— Tu estás doido. Olha que vais ter 45 graus à sombra.
— E quem te disse que eu vou estar à sombra?

— Ó papá, porque é que Deus fez o homem, antes de fazer a mulher?
— Para êle ter, durante um bocadinho de tempo, ocasião de saber o que era a paz.

Num colégio:
— Quantos gêneros de poesia há?
— Três: poesia lírica, poesia dramática e poesia... poesia...
O professor querendo ajudá-lo:
— Poesia epi... epi...
— Epidémica, conclui o aluno.

Conversa entre coelhos:
— Pois a mim a única coisa que me preocupa é não saber depois da minha morte de que animal vai ser a minha pele.

Num almoço de caçadores, um dêles conta como lhe correu o dia:
— Ainda não tinha dado dois passos, na charneca, quando uma perdiz me caiu morta aos pés.
— Sim!... E de que morreu ela?...

O pescador — Lino Ferreira.

Morreu Paul Painlevé



PAUL PAINLEVÉ, eminente matemático e político de grande categoria, quinze vezes ministro e duas vezes chefe de governo, acaba de morrer. A França perde, não só um sincero democrata, como um sábio de renome universal. A carreira política de Painlevé foi notável. Sobrou a pasta da guerra durante a conflagração europeia. Foi ainda o reorganizador do exército francês em 1925, tendo feito, com grande aplauso do Parlamento e das comissões militares, o plano de defesa militar da França.

Lindbergh em Paris



Um hidro-avião amarrado no Sena, em frente da capital francesa, onde viajam os esposos Lindbergh. A população parisiense, que guarda do célebre aviador uma feliz recordação, dispôs ao casal americano uma entusiástica manifestação de simpatia. O fim da visita é meramente comercial: estabelecer um serviço aéreo regular entre os Estados Unidos e a Europa, por conta da Companhia «Pan-American Airways».

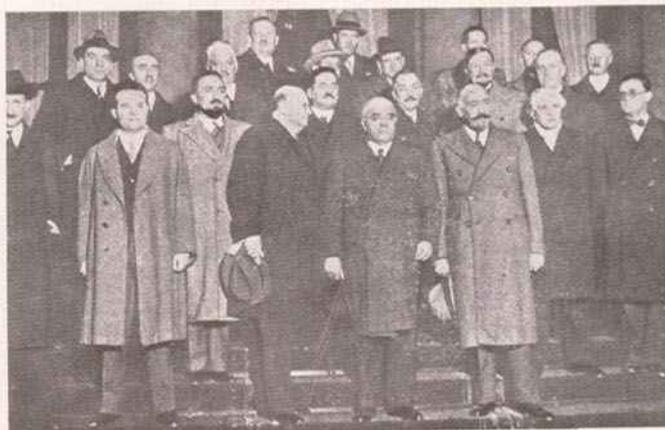
A graça alheia



O MOMENTO POLÍTIKO ESPANHOL:
— ABAIXO O CAPITALISMO!... ABAIXO A ORQUE... ABAIXO A BELGICA!... ABAIXO TUDO!...

PELO MUNDO FÓRA

O novo governo francês



DERRUBADO pelos socialistas o governo Deladier, foi chamado ao poder Albert Sarraut, que se vê na gravura, acompanhado dos novos ministros, depois da sua apresentação ao presidente da República. O novo gabinete tem as mesmas características do de Deladier. As pastas da guerra, finanças e negócios estrangeiros ficaram a cargo dos mesmos ministros do gabinete Deladier. O novo ministro da Higiene chama-se Lisbonne, facto curioso digno de registo.

Alcalá Zamora em Marrocos



O Presidente da República Espanhola visitou há dias Marrocos onde foi recebido com grandes manifestações de simpatia e carinho. Houve inúmeras festas em honra de Alcalá Zamora. Em Tetuão deu recepção aos membros da delegação francesa que foi a Marrocos saudá-lo. O Chefe do Estado de Espanha pôs em relevo a cordialidade das relações que existem entre as tropas espanholas e francesas, que se encontram no norte de África.

Uma formidável manifestação em Nova-York



EM Nova-York realizou-se recentemente a maior manifestação de que há memória. Duzentas e cinquenta mil pessoas desfilarão pelas ruas, com milhares de bandeiras e filarmónicas, para apoiar o «National Recovery Act», o famoso plano N. R. A. do presidente Roosevelt. Assistiram à sua passagem cerca de um milhão de pessoas.

A fuga do banqueiro March



O banqueiro Juan March, preso a pedido do Parlamento espanhol, em virtude de negócios de tabacos em Marrocos, fugiu da prisão de Alcalá de Henares, cerca de Madrid. A fuga que teve o seu quê de aventura, deixou comprometido o director da cadeia e desapareceu também o funcionário Vargas que estava encarregado de o vigiar. O banqueiro March dirigiu-se a Gibraltar e dali, depois de ter telefonado para Madrid, seguiu para Marselha.

O combate Carnera-Paulino



EM Roma, na presença de mais de 65.000 pessoas, realizou-se o encontro de «box» entre o italiano Primo Carnera e o espanhol Paulino Uzcudum. Houve quinze assaltos. O combate terminou pela vitória aos pontos de Carnera — que se vê em cima. Mussolini assistiu ao espectáculo, que se efectuou na praça Siena da capital italiana.



As grandes teorias do fonocinema puseram em moda as figuracões vistosas de girls. Na verdade, a girl pertence tanto ao cinema como ao teatro. Mas em ambos os casos essas frimas de lindas mulheres que ondulam sob o impulso dum mesmo ritmo, como se fossem movidas por uma vontade única, são, sem dúvida, uma das mais bem definidas criações da nossa época.

É talvez possível a um investigador paciente, demonstrar que a idela é antiga e que as suas primeiras manifestações remontam à origem da dança. Isso não obsta à que só no nosso tempo, o grupo de girls se tenha definido claramente como uma forma de arte original e independente.

Há no conceito que o público forma, em geral, duma girl um erro que é de justiça destruir. Ela não é, como muitos supõem, um corpo escultural encaixado por uma cabecita frívola. Para que o conjunto de girls ofereça esse admirável espectáculo em que a disciplina se alia à graça, a ordem à elegância, e o vigor à suavidade, é indispensável que cada uma delas contribua com a sua inteligência e a sua vontade para a constituição do espírito colectivo.

Roy Prinz, ensaiador de bailados da "Paramount", faz o elogio dessas artistas anónimas num artigo em que enumera as muitas qualidades requeridas a uma perfeita girl:

"A inteligência e a vivacidade de espírito são condições essenciais. É necessária uma grande memória e muito talento para aprender rapidamente a rotina complicada da dança no cinema.

Examinei, pessoalmente, noventa e oitenta



ACTUALIDADES DE CINEMA

Merecido elogio da "girl" anónima
O último filme de Maurice Chevalier

jogam uma partida de xadrez em que as marcas são substituídas por cálices de licor. Quando um deles toma uma das marcas, bebe-lhe o conteúdo. Embragados, por fim, os dois parceiros inventam um original divertimento. Consiste este em cortar com uma tesoura as gravatas das pessoas que passam. O que consegue realizar a proeza sem ser apanhado ganha um copo que o outro, implicitamente, terá de pagar. A destruição de gravatas prolonga-se largo tempo como é de regra nos bons filmes cómicos americanos.

A história do filme é, num inexpressivo resumo, a seguinte:

Chevalier é um modesto aprendiz de fotógrafo que aspira tornar-se guia de turistas. Uma das suas aventuras leva-o a salvar das mãos dum tutor brutal uma jovem artista de teira. Chevalier dá-lhe abrigo, mas o tutor vem buscá-la e, como é exímio atirador de facas, leva-a para servir de alvo humano nas suas exhibições.

Entretanto, Chevalier realiza o seu sonho. Consegue colocação como guia de turistas. Durante uma noite de festas embriaga-se e aceita imprudentemente o desafio dum lutador de feira. Consegue porém sair sã e salvo de tão perigosa aventura, através das mais cómicas peripécias. Confronte com si próprio, após tão incrível vitória, consegue dominar o temível atirador de facas. E consegue também recuperar à jovem dos seus sonhos.

Os jornalistas americanos que tiveram já oportunidade de se pronunciar sobre este filme não hesitam em afirmar que ele é o filme mais humano, mais cómico e mais simpático de Maurice Chevalier.

O triunfo dos «nazis» na Alemanha exerceu apreciável influência na produção cinematográfica.

Não foi, porém, essa influência de molde a favorecer o aparecimento de filmes de propaganda racista. Os poucos que apareceram obtiveram medíocre êxito. E como o êxito financeiro continua a ser base de toda a produção industrial, as empresas absteram-se prudentemente de realizações que, embora calorosamente apoiadas pelo governo, pouco benefício produziam.

A verdade é que na Alemanha, como em qualquer outra parte, o público que frequenta os cinemas procura um divertimento e não doutrinas sociais ou políticas por mais que elas correspondam ao seu estado de espírito.

Falouse por outro lado que o governo hitleriano ia assumir uma atitude fortemente ditatorial para com os actores, muitos dos quais pertencem à raça judaica, pela qual todo o bom «nazi» alimenta uma fobia especial.

Nada disso, porém, sucedeu. Nem sequer os artistas alemães que trabalham no estrangeiro foram intimados a ir cingir-se as fileiras artísticas do seu país, sob pena de serem acusados de crime de traição à pátria, como se chegou a noticiar.

Dentro da Alemanha, a influência

do racismo limitou-se, pois, a uma extraordinária abundância de filmes de actualidades em que as espectaculars manifestações do Partido «nazi» são apresentadas numa longa série de paradas, discursos, comícios, etc.

Mas no estrangeiro o caso não se passou do mesmo modo. Na America do Norte apareceu já um filme baseado nas perseguições infligidas aos judeus. E sabendo-se que só na cidade de Nova-York os israelitas se contam por dois milhões é de calcular o êxito que obteve.

Actualmente, está em realização um outro filme nitidamente anti-Hitler. Chama-se «O cão raivoso da Europa» e é de calcular que o chanceler alemão seja nele apresentado sob um aspecto pouco favorável. Finalmente, Emil Ludwig, o conhecido historiador alemão, está em



Hollywood há algumas semanas e, segundo se afirma, prepara o argumento dum novo filme que revelará aspectos inéditos da campanha anti-semita na Alemanha.

Inútil se torna dizer que os produtores não contam exportar nenhum destes filmes para a Alemanha.

Jean Harlow, a artista excêntrica dos cabelos platinados, deixou há tempo estupefactos todos os seus admiradores.

Vivora há um ano, Jean Harlow resolveu tornar a casar-se. Escolheu o noivo, partiu com ele

inesperadamente em avião, e antes que os curiosos se dessem conta do facto, os dois enamorados uniam os seus destinos à face da lei norte-americana.

Vem a propósito dizer que o feliz noivo é um operador cinematográfico, que trabalhou nos últimos filmes da popular «estrela». Esta circunstância não deixou, claro está, de ser muito comentada, Jean Harlow, por seu lado, justifica assim a sua preferência.

Um operador de cinema pôde arruinar a carreira duma artista ou fazer dela uma «estrela». Reconheci perfeitamente este facto quando vi o meu actual marido trabalhar no meu último filme. A minha confiança nele como um dos melhores fotógrafos de cinema só pôde ser igualada à de que constituirá um dos melhores maridos.

A propósito do modo como o casamento foi decidido Jean Harlow explica:

— Uma noite meu actual marido encontrou-me. Conversamos sobre banalidades. «E se nos casássemos...?» — perguntou-me no mesmo tom em que poderia dizer: «Se tomássemos uma cerveja...» — E a minha resposta foi esta: «Pois sim!»

Jean Harlow vai agora interpretar um filme de luxuosa encaenação que se intitulará «O Caminho de Roma». Desempenhará nele o papel duma beldade por quem se apaixonou o celebre

Anibal, general cartaginês vencedor das Legiões romanas.

Os apreciadores de filmes de terror receberão com satisfação a notícia de que «Frankenstein» vai reaparecer no «ecran».

O monstro fabricado com pedações de cadáveres voltará a semear à sua volta a destruição num filme que se chamará «A Volta de Frankenstein» e será interpretado pelos mesmos actores da versão primitiva.

Greta Garbo conta ainda grande número de admiradores fanáticos.

É pelo menos o que se conclui de algumas notícias de origem americana. Segundo elas, foi preso há tempos um sujeito apanhado em flagrante no momento de escalar o muro que circunda as propriedades da famosa vedete sueca.

Interrogado, o delinqüente expôs as suas razões. O seu propósito era somente oferecer a

Greta Garbo um livro de poemas de amor. Havia três anos que aguardava a ocasião de se aproximar dela e, cansado de esperar, resolveu optar por tão perigosa solução. Vem a propósito dizer, para que bem se avalie da temeridade da empresa, que a grande artista tem na sua propriedade dois enormes cães dinamarqueses que não deixariam de apoupar o furtivo visitante se a polícia não intervisse tão cedo.

Falando de Greta Garbo, occorre recordar que a celebre «estrela» acaba de contribuir para que mais um nome brilhe na lista dos artistas de cinema de Hollywood.

Trata-se de Kathryn Sergava, dançarina russa que tem numerosas semelhanças com a artista sueca. Quando do recente passeio de Greta Garbo à Europa, a «Metro» resolveu contratar essa artista russa na ideia de fazer substituir Greta, caso esta se obtinisse a não renovar o contrato. Mas as dificuldades apertaram-se e a famosa actriz sueca consentiu em regressar a Hollywood. Os préstimos de Kathryn Sergava não chegaram, por isso, a ser utilizados.

Sucedeu, porém, que outra empresa, a Warner Bros, se interessou por esta hipotética sucessora de Greta Garbo e decidiu oferecer-lhe a interpretação de dois papéis, em outros tantos filmes. Sergava terá a seu lado, nessas duas produções, o actor Warren William.

Ernst Lubitch, o realizador de tantos filmes de grande êxito, não desdenha, como vamos ver, interpretar um papel ante a câmara cinematográfica.

Actualmente o famoso cineasta alemão toma parte num filme em que aparece como realizador cinematográfico de temperamento irascível, papel a que se deve avaliar admiravelmente.

O filme é da «Paramount» e trata dos criminosos raptos de crianças cometidos na América. Dorothea Wicke, a emocionante interprete de «Raparigas de Uniforme», desempenha a protagonista desta obra.

Refeito das fadigas de «O Sinal da Cruz», Cecil B. de Mille vai empreender agora outra grande produção que é aguardada com viva curiosidade.

O novo filme do grande animador terá um ambiente semelhante ao anterior de dará larga ocasião a De Mille para evidenciar o seu talento incontestável de encenador faustoso.

O assunto gira em torno dos celebrados amores de Cleopatra e Mario António, tema vasto que torna possíveis evocações grandiosas.

Há muito tempo que não se ouvia falar numa actriz que teve a sua época de grande celebridade e que, em pleno apogeu das suas facultades, desapareceu certo dia num tanto misteriosamente.

Referimo-nos a Louise Brooks que «Prêmio de Beleza» tornou popular. A linda actriz, a despeito do incontestável êxito desse filme, não conseguiu reconquistar a posição que tivera no cinema americano antes da sua digressão à Europa.

Sabe-se agora que a emocionante interprete do magnífico filme de Augusto Genina casou em Chicago com Deering Davis, herdeiro duma grande fortuna. E, por enquanto, a bela actriz não tem qualquer propósito de regressar ao cinema.

O primeiro fonofilm inteiramente realizado em Portugal acaba de ser submetido ao juízo da crítica e do público.

No que se refere ao público há boas razões para pensar que não deixará de auxiliar a corajosa iniciativa da «Tobis». Quanto à crítica, toda ela já se desempenhou largamente dos patrióticos deveres de incitamento que lhe competiam.

Resta, portanto, dizer o que é o filme — exaltar as suas qualidades e apontar francamente os seus defeitos.

É o que vamos tentar fazer.

Porque motivo se escolheu para a realização deste primeiro filme um género confuso, que participa de farsa e do «vaudeville», da comédia e da revista?

Não o sabemos. Mas o que devemos reconhecer e afirmar com desassombro é que essa escolha em nada contribuiu para o bom êxito do filme.

Procurou-se servir ao público um prato a que as digestões teatrais habituaram o seu paladar. Foi esse o erro inicial, duma extensão que quasi invalida todo o esforço dispendido.

A experiência deve ter bastado para provar que uma cousa aceitável em teatro popular resulta muitas vezes grotesca ou artificiosa no *écran*. «A Canção de Lisboa» abunda em exemplos que poderiam ser citados em abono desta afirmação.

De resto, foi esta vizinhança com o teatro, esta aproximação decerto involuntária, e que teria sido difícil evitar, a causa principal de «A Canção de Lisboa» ter ficado muito abaixo da nossa expectativa.

Já não se trata aqui de inexperiência, mas dum vicio que não se soube evitar.

Os principais colaboradores do filme, com excepção de Cottinelli, estão imbuídos de preceitos de técnica teatral. Não o puderam esquecer ao entrar em funções tão diversas. José Galhardo, autor teatral que apreciamos, não se lembrou que deveria evitar no diálogo as graças vulgares e os trocadilhos banais que o teatro consagrou mas que o cinema não consente. É que o cinema tem um poder de ampliação que deforma cousas na aparência insignificantes dando-lhes exagerado relêvo. Aquêlê velho trocadilho do «mata-cavalos» e «mata-borrão» está nêsse caso. No palco o dito teria passado com um sorriso ligeiro da assistência. No *écran* adquire um poder de sugestão desmedido que lhe tira o efeito cómico.

O que se deu com José Galhardo, repetiu-se com quasi todos os intérpretes. Exibiram perante a câmara o seu habitual jogo de cena, sem atender a que o cinema exige uma naturalidade maior, uma realidade mais intensa. Não os censuramos de resto. Seria preciso terem tido quem os pudesse ensinar.

Consideremos agora o filme no seu conjunto.

A abertura é feliz tanto pelas imagens como pela música. Se «Sob os telhados de Paris», não fôsse tão conhecido entre nós, afirmaríamos que os nossos cineastas tinham feito uma admirável *trouvaile*.

A chegada das tias da provincia à estação do Rossio tem movimento e está bem filmada. Mas é confusa e absurda e estas duas características tiram-lhe todo o efeito.

A cêgada deixa o espectador uma impressão penosa. A transição que se quis estabelecer entre o diálogo e o canto em nada atenua o aspecto

CINEMA

O filme português «A Canção de Lisboa»

forçado da cena. Não é a inverosimilhança que nos choca — é o mau gosto.

O arraial tem animação. Mas a massa de figurantes, aqui um pouco mais considerável, acusa falta duma direcção firme. A cena da desordem é prolongada e pouco convincente. A marcha «aux flambeaux», é duma pobreza de realização confrangedora.

As melhores cenas são as do centro recreativo. O assunto é feliz e só faltou um observador cheio de ironia para o tratar. Mas mesmo inaproveitada, esta passagem tem verdadeira graça.



Beatriz Costa no papel de «Alices» de «A Canção de Lisboa»

Só alguns aspectos da assistência, cujo sentido nos escapa, destoam no conjunto.

A visita ao jardim zoológico prolonga-se excessivamente. Tem graça, mas dum modo desigual. As cenas felizes alternam com outras que devem ter desolado o realizador.

Há uma canção, «Castelos no Ar», que Beatriz Costa canta o melhor que pode e sabe. A illustração surgem no *écran* imagens de Sintra, de mediocre qualidade. Mas o pior é que houve o propósito de dar a essas evocações um caracter cómico que não se ajusta de modo nenhum ao espirito da música. O resultado é infeliz.

O fado de Vasco Santana e a transformação deste em cantador aplaudido formam a melhor passagem do filme — isto é, a que foi tratada sob o ponto de vista mais cinematográfico.

Quanto à interpretação é inferior, no seu conjunto. Só há a destacar António Silva que é tão grande actor no *écran* como no palco. Alegri-

vê-se em apuros para se desembaraçar dum diálogo sem naturalidade que lhe distribuiram. Vasco Santana tem uma interpretação sem grande relevo, inferior a muitas das suas criações do teatro. Beatriz Costa tem pouca expressão e pouca voz e estas deficiências são aqui mais sensíveis porque lhe falta ocasião para exhibir a sua vivacidade exuberante, a sua comunicativa alegria.

Teresa Gomes e Sofia Santos tiveram papeis que lhes vão a caracter. Santos Carvalho evidencia-se no fim da película, mas não acrescenta novos louros à sua brilhante carreira.

Dos novos pouco há a dizer. Todos pareciam apostados a que não se desse por eles. Manuel de Oliveira e Ana Maria têm o físico de dois «astros» de Hollywood mas representam como dois amadores sem vocação. Eduardo Fernandes desagrada-nos. O seu personagem é falso em todos os pormenores.

A fotografia é duma maneira geral mediocre. Tem passagens aceitáveis e outras francamente inferiores.

O som é de boa qualidade. Como defeito só se lhe pode apontar o facto de o registo das vozes dos actores, em especial a de Vasco Santana, variar com frequência, indo do tom normal a outro muito mais grave. Mas, em conjunto é o único elemento internacional do filme e o único também que pode sofrer comparações com as produções estrangeiras.

A música da autoria de Raul Portela e Raul Ferrão é agradável e ligeira. Tem mesmo algumas passagens de excelente sabor popular. O fado, em especial, é muito feliz. A orquestração, que foi dirigida por René Bohet e Jaime Silva filho, também nos agrada. Neste ponto «A Canção de Lisboa» não fica a dever nada aos bons filmes estrangeiros.

Quanto ao trabalho de laboratório é muito deficiente. O encadeamento das cenas revela numerosas imperfeições. Surgem com frequência trechos de filme negro que causam deplorável impressão. É um defeito a que não será talvez difícil obviar em futuras produções.

As legendas de apresentação tiveram uma realização acertada. Apresentam-se com um aspecto moderno e atraente. Só têm o defeito de ser demasiado longas e isso seria fácil remediar se se sacrificassem vaidades pessoais.

Propositadamente deixamos para o fim a apreciação ao trabalho de Cottinelli Telmo.

Os seus erros e deficiências merecer-nos-iam áspera censura se dum realizador estrangeiro se tratasse. Mas Cottinelli não possui a indispensável experiência e isso absolvo-o. Fez o que pôde com boa vontade. Não definiu um estilo nem esperavamos isso dum realizador que se improvisa. Em compensação teve algumas ideias felizes que um artista experimentado não desdenharia. E estamos certo que o seu trabalho seria diferente se o assunto que lhe foi confiado se fizesse notar por uma mais acertada escolha. Nas cenas de maior figuração, Cottinelli acusa falta de segurança. É cedo ainda porém para lhe exigir que saiba dominar a massa amorfa das comparsas.

«A Canção de Lisboa» é uma iniciativa interessante e como tal merece o nosso incentivo. Mas é também o primeiro passo para realizações futuras e por isso as críticas severas e desinteressadas só lhe podem ser úteis.

M. R.

O novo contra-torpedeiro "Lima"

entrará, dentro de dias, em águas portuguesas

ESTÁ entregue ao governo português e dentro de poucos dias entrará em Leixões, vindo de Inglaterra, mais um barco, mais uma esplêndida unidade da nova esquadra nacional: o grande contra-torpedeiro "Lima".

Trata-se de um navio de cujo tipo estão incluídos cinco no programa naval de 1930: o "Vouga" já entregue e incorporado na esquadra, o "Lima" agora concluído, o "Tejo", construído em Lisboa e actualmente em acabamento, o "Douro", a lançar também em Lisboa no próximo dia 18 e o "Dão", que está a ser construído igualmente nos estaleiros da Sociedade de Construções Navais.

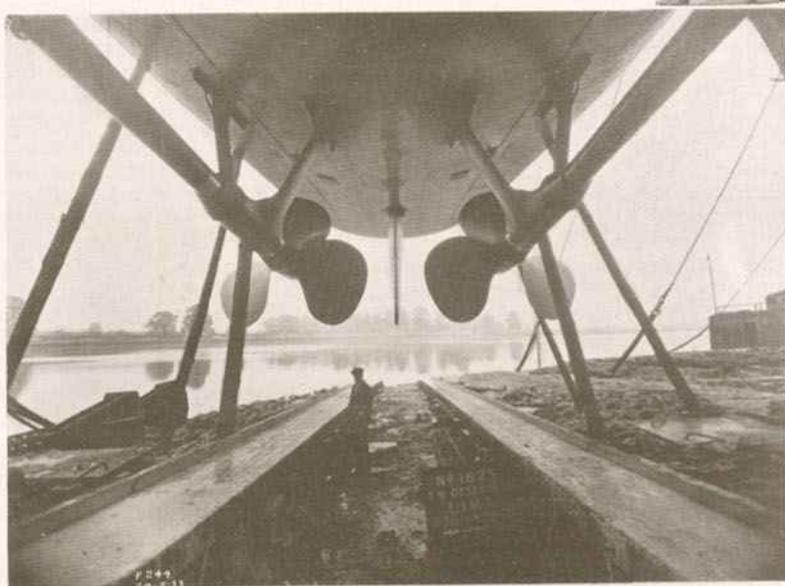
Estes contra-torpedeiros do mais recente modelo inglês são navios de grande valor, podendo considerar-se como pequenos cruzadores, detentores de uma enorme mobilidade e de um considerável raio de acção.

Para se fazer uma ideia do valor militar e das condições combativas destes barcos, vale a pena enumerar algumas das suas características principais:

Medem cerca de 100 metros de comprimento e deslocam 1.600 toneladas, sendo artilhados, cada um com 4 canhões de 120 mm., a vante e dois à ré, dispostos por forma sobreposta; 3 metralhadoras de 40 mm., anti-aéreas, duas junto ao mastro da ré e uma entre as chaminés; 8 tubos lança-torpedos, dispostos em grupos de quatro, entre a segunda chaminé e o mastro da ré. Dispõem ainda de metralhadoras de desembarque e de algumas centenas de minas, possuindo uma instalação de carris especiais, para o seu lançamento ao mar, com toda a segurança.

Podem os cinco novos contra-torpedeiros da esquadra portuguesa, atingir a

velocidade máxima de 37 milhas horárias, alcançando a sua artilharia mais de 22 quilómetros. A velocidade de cruzeiro é de 15 milhas, que podem manter durante semanas consecutivas de navegação. Assim qualquer destes barcos pode ir de Lisboa a Luanda em 9 dias, se fôr à velocidade económica ou em 6 dias e meio se fôr a 20 milhas. Igualmente pode atingir o Rio de Janeiro em 11 dias, indo a 15 milhas ou em 8 se fôr a 20 milhas. Convém salientar que estas viagens ou outras semelhantes ou maiores até cinco



mil e quinhentas milhas de extensão, podem ser feitas sem qualquer porto de escala, nem mesmo para reabastecimento.

Os elementos de informação que deixamos apontados definem suficientemente o valor militar dos nossos contra-torpedeiros, que são na verdade, autênticos navios de combate.

EM CIMA — Curioso aspecto das hélices e do leme do "Lima" quando este ainda se encontrava na careira, em Glasgow, antes do lançamento

EM BAIXO — O novo barco navegando a 16 1/2 a velocidade, ao largo da costa inglesa, durante as experiências



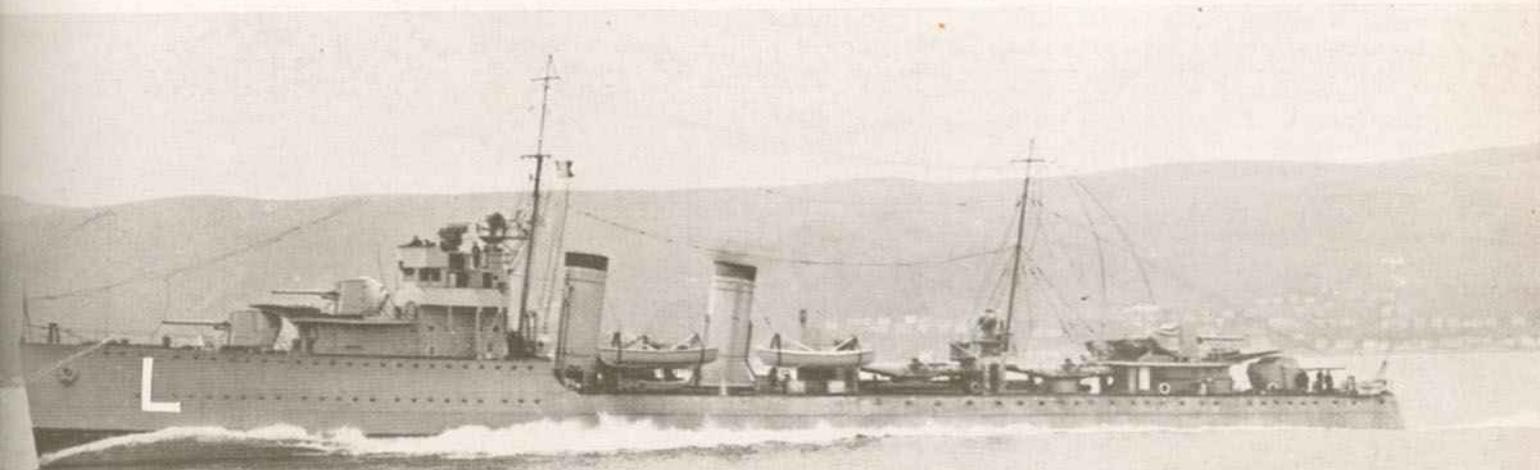
O comandante do "Lima" sr. capitão de fragata Justino Herz, ao portal do novo contra-torpedeiro

O "Lima" vem sob o comando do ilustre oficial capitão de fragata sr. Justino Henrique Herz, um dos nomes mais prestigiosos da nossa Armada, trazendo como imediato o capitão-tenente sr. Luís de Oliveira Lima, que está seguindo na carreira que

abraçou, os salutes exemplos do seu pai, o contra-almirante sr. Constantino de Lima.

Da guarnição fazem parte oficiais, sargentos e marinheiros dos mais hábeis e experimentados nas diferentes especializações.

A chegada do "Lima", a águas portuguesas vai constituir, pois, mais um dia de festa para a Marinha, a Marinha que vê finalmente em marcha o seu sonho de tantos anos: uma vida moral e materialmente nova!





Fachada lateral do Instituto Normal de Liège, vendo-se a aparelhagem portátil para o exercício ao ar livre.

INAUGUROU-SE solenemente no dia 1 do corrente mês a Escola de Educação Física do Exército, chamada a desempenhar na cultura do povo português um papel importantíssimo.

A cerimónia, presidida pelo sr. Presidente da República, assistido de ministros e altas individualidades do exército e marinha, revestiu-se de capital interesse pelas afirmações pronunciadas pelo sr. tenente-coronel Silvão Loureiro, director da Escola, acerca do estado depauperado da mocidade portuguesa, controlado pelas percentagens de incapazes nas juntas de inspecção militar, e sobretudo, pela admirável lição inaugural pronunciada pelo prof. Leal de Oliveira, verdadeiro tratado técnico e pedagógico para orientação da educação física portuguesa.

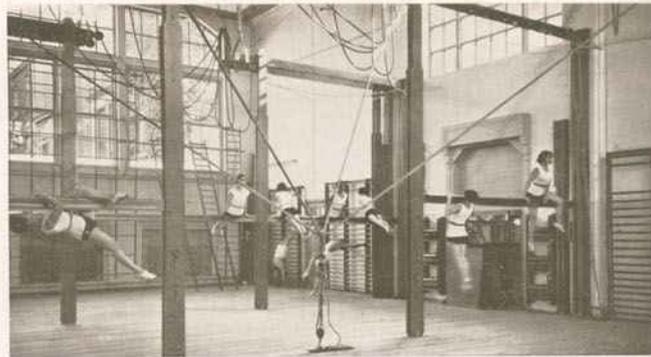
Escalpelizando desassombadamente a situação física e moral da mocidade portuguesa, o ilustre conferente pronunciou a seguinte apreciação que textualmente reproduzimos:

"Passado o período da conquista e descobertas, a que se seguiu a sedentariedade ou o ócio dos descendentes dos varões assinalados e dos colonizadores no gozo parasitário das riquezas adquiridas pelos avós à custa de tanto esforço, a mocidade portuguesa foi vítima da filosofia dos "vencidos da vida", das arengas revolucionárias dos bachareis cuja juventude absolutamente abandonada fóra das aulas as tendências e estímulos desencontrados, foi em parte passada a discutir ideologias que foram origem da guerra civil, ou a banquetear-se nas "repúblicas", ou a bater nos caloiros e nos futricas, ou a cantar o fado, num lamentável desequilíbrio de tristeza deprimente e de agitação; foi vítima da literatura melancólica dessorante ou iconoclasta destruidora, dos livros e tragédias cujo motivo central foi uma fidalguia decadente, de sordadeira e sensual e a mulher viciosa, languida e inútil; foi finalmente seára fértil onde as variadas tendências políticas, que entre si disputavam o poder, iam procurar elementos impulsivos para atear a fogueira que ia queimando a Pátria. Mas surgem miraculosamente associados dois movimentos de reacção do génio europeu à decadência da civilização ocidental: são os movimentos gymnástico, desportivo e nacionalista que ainda entre nós agem quasi inconscientes das suas

afinidades, e que interessaram o exército na medida que elles poderiam constituir esteios de estimulação e aglutinação das energias nacionais, de ordem, de defesa e progresso nacional, fóra de quaisquer preocupações que não tivessem esses objectivos absolutamente concretos...

O problema da preparação de professores de educação física está ainda tão longe duma solução satisfatória official, que se pode considerar como desconhecido em Portugal. Na maioria das nações europeias o progresso é nesse sentido formidável, como no-lo demonstram documentos que por vezes nos chegam às mãos e são por todos os motivos dignos da mais larga propagação. Apresentamos hoje um desses casos.

A Bélgica, esse país pequeno no território mas grande numa actividade inteligente em todos os domínios, tem consagrado ao desenvolvimento da educação física, todos os seus melhores esforços. Visando especialmente a formação de professores competentes para uma organização extensíssima de todo o seu ensino, o Estado organizou, além do Instituto Militar de Educação Física de Bruxelas, dois institutos universitários; por outro lado os governos provinciais, — dada a



Trecho do gymnásio, moderníssimo, do Instituto Normal de Liège

A QUINZENA DESPORTIVA

A Escola de Educação Física do Exército

Um gymnásio modelar na cidade de Liège

Os nossos tenistas estão no Brasil

O "foot-ball," internacional

sua descentralização de acôrdo com uma grande actividade regional, — criaram diferentes cursos normais provinciais de educação física, dos quais o mais importante, em Liège, se transformou num instituto que acaba de instalar-se num belo edificio próprio, obedecendo às mais modernas exigências pedagógicas e técnicas e do qual apresentamos duas excellentes fotografias.

O grande animador de educação física na provincia de Liège que, sem dúvida, segue neste campo na vanguarda de todas as outras provincias belgas, é o doutor em educação física pela Universidade de Gand, Mr. Lucien Dehoux, grande técnico, autor do excellent tratado "Methodologie, technique et progression pédagogique de la gymnastique éducative", que todos os professores portugueses devem conhecer, tanto mais que é dotado dum album que muito os pode auxiliar sob o ponto de vista pratico.

Passou quasi despercebida no meio desportivo português a visita de um grupo de tenistas nacionais ao Brasil, onde se encontram ainda como delegados da nossa Federação.

Os jogadores escolhidos para essa honrosa missão foram o veterano Rodrigo

de Castro Pereira, o campeão portuense Vasco Horta e Costa e Joaquim Miguel de Serra e Moura, um dos novos com



Lucien Dehoux
Doutor em educação física e director do Instituto Normal de Educação Física e professor da Universidade de Liège

melliores condições para progredir, pois é dos poucos fisicamente aguerrido por uma prèvia e rigorosa e ducação desportiva.

As notícias recebidas de além Atlântico referentes aos dois encontros disputados pela equipa portuguesa no Rio de Janeiro são de molde a satisfazer o nosso brio nacional. Depois de haverem batido nitidamente, por 4 vitórias a 1, a equipa representativa do Tijuca Tennis Club, e apesar da desvantagem de disputar os encontros à noite, portanto sob luz artificial a que não estavam habituados, os nossos compatriotas defrontaram a selecção federal, sendo derrotados pela diferença minina, 3-2, desfavorecidos pela sorte.

Neste último match, a representação portuguesa foi reforçada com a colaboração do conhecido e antigo campeão nacional D. José de Verda, que há alguns anos reside no Rio de Janeiro onde conquistou um dos primeiros lugares como jogador de "tennis".

Nos campeonatos da cidade, disputados poucos dias antes da chegada dos portugueses, conseguiu Verda classificar-se finalista na prova de pares, que perdeu contra a previsão geral, e meio-finalista em singulares, batido pelo futuro vencedor do torneio por 3 partidas a 1.

No encontro das selecções teve o nosso brilhante representante oportunidade para

apelar desta derrota, pois defrontando o mesmo adversário, Humberto Costa campeão do Rio de Janeiro, logrou vencê-lo por 4-6, 6-1, 6-1, 6-3.

Dos três jogadores visitantes foi Horta e Costa o mais apreciado, classificando-o a crítica de "tenista de classe, espectacular pelas acções no corte, digno da fama de que vinha precedido...". Disputou no Rio quatro encontros; venceu três sem perder uma única partida e succumbiu ante o campeão carioca por 6-1, 3-6, 4-6, 5-7.

Rodrigo de Castro Pereira jogou os singulares do encontro com o Tijuca, sendo vencido na primeira noite, desnoiteado pela luz, perdida a precisão habitual nas suas jogadas. Na noite seguinte, melhor aclimatado, venceu facilmente, o mesmo succedendo em pares, onde emparceirou com Serra e Moura. Esta mesma parceria alinhou no encontro das selecções, mas foi batida em três partidas, apesar de Castro Pereira merecer as honras de melhor homem em campo. Serra e Moura fraquejou muito e não pode tirar proveito da energia e valor do companheiro, acarretando a perda do match.

Os jogadores portugueses seguiram para S. Paulo, onde vão disputar mais alguns encontros contra clubs locais.

O desporto teve pela primeira vez em Portugal uma manifestação privativa de arte, com a bellissima exposição de trabalhos fotograficos de Manuel Nunes de Almeida.

A série de trabalhos apresentados por este nosso colaborador, numa galeria de quadros de um dinamismo flagrante, constituiu demonstração eloquente dos méritos artisticos e profissionais do seu autor. Nunes de Almeida focou toda a beleza estética do "foot-ball", do atletismo, dos desportos náuticos, do hipismo, e algumas das suas fotografias podem ser consideradas modelos de rara beleza no seu género; citação especial para os quadros intitulados: "Velocidade", uma motocicleta colhida na máxima velocidade; "Vento rijo", surpreendente instantâneo de um barco à vela deslizando nas águas do Tejo; "Saude, energia, valor!", fase movimentada de um encontro de "foot-ball" entre o Benfica e o F. C. Pôrto; "Três homens numa

pista", "Nobreza" e "Abalada", cada uma em seu género características da beleza ritmica e do esforço harmonioso do atletismo.

Ilustração felicita Nunes de Almeida pelo êxito da sua iniciativa que deveria ser o preâmbulo de uma grande exposição desportiva nacional.

Esteve durante alguns dias em Madrid, ocupando-se das condições em que devem ser jogados os encontros de apuramento

para o Campeonato do Mundo de "Foot-ball", o prestigioso presidente da Federação de Ração, sr. Raul Vieira. Os acordos firmados, nos quais foram salvaguardados ao máximo os interesses nacionais, constituem para o activo dirigente um successo diplomatico que muito o honra.

Os jogos com a Espanha foram marcados para 11 de Março em Madrid sob a arbitragem do conhecido belga Langenus, e no domingo seguinte, 18, em Lisboa dirigido pelo alemão Bauwens, presidente da Comissão Técnica da FIFA.

Em caso de empate nas vitórias, efectuar-se-á um terceiro jogo no Estádio de Balaídos, em Vigo, cidade onde são grandes as simpatias pelo nosso país e a qual é fácil a deslocação dos numerosos adeptos que desejem acompanhar a equipa lusitana. Este encontro teria eventualmente lugar na quarta-feira 21 de Março.

Esperemos que o grupo seleccionado pela indiscutível competência de Ribeiro dos Reis, saiba e possa nestas difíceis emergências defender contra tão perigoso adversário as tradições gloriosas de 1928.

Salazar Carreira.



A mesa da presidência na sessão inaugural da Escola de Educação Física do Exército

VIDA ELEGANTE

No Estoril

Na sua vivenda «Maria Viana» no Estoril, o sr. José Maria Torres Lopes Viana, chefe da secretaria do Tribunal das Execuções Fiscaes,



EM VILA VIÇOSA — Casamento da sr.^a D. Madalena Amélia Cunhal Rodrigues de Almeida com o sr. António Pereira de Mendonça Junior

ofereceu um jantar íntimo, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo sido convivas os srs. drs. Raul de Carvalho Mulato Fino e esposa, Fernando de Vasconcelos e esposa, e António Luis Gomes.

Mercês honoríficas

Pelo governo português, foi agraciado, com o oficialato da Ordem da Instrução Pública, o sr. Carlos Pacheco Teixeira Rebelo de Mesquita Pimentel (Sanguedo).

— Com o gráu de cavaleiro da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, foi também agraciado, o pianista sr. José Rosenstock.

Casamentos

Na paróquia do Coração de Jesus, a Santa Marta, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Ana Virginia Malta da Costa, filha da sr.^a D. Mariana Malta da Costa e do sr. dr. Manuel Ricardo da Costa, com o sr. Miguel Joaquim da Câmara Manuel Potes, filho da sr.^a D. Rosa da Câmara Manuel Potes e do sr. Miguel José Fernandes Potes.



Casamento da sr.^a D. Ana Virginia Malta da Costa com o sr. Miguel Joaquim da Câmara Manuel Potes, efectuado na paróquia do Coração de Jesus

Foram madrinhas a sr.^a D. Mecia Lobo da Silveira Malta, bizavó da noiva e a mãe do noivo e padrinhos os srs. João Batista Malta e Felipe Malta, bisavó e avó da noiva.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Marinho, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a sua casa do Monte da Olaria, em Arraiolos, onde foram passar a lua de mel.

— Em Vila Viçosa, realizou-se na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Madalena Amélia Cunhal Rodrigues de Almeida, filha da sr.^a D. Eliza Augusta Cunhal de Almeida e do capitão sr. António Rodrigues de Almeida, comandante do segundo grupo de cavalaria n.º 3, com o sr. António Pereira de Mendonça Junior, filho da sr.^a D. Joana da Conceição Bravo Pereira de Mendonça e do sr. António Felix Pereira de Mendonça.

Serviram de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. D. Sebastião de Herédia (Ribeira Brava).

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residência dos paes da noiva, um finíssimo lanche.

— Realizou-se na paróquia de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.^a D. Alice Mafra Neto, gentil filha da sr.^a D. Maria dos Santos Mafra Neto e do sr. João Fernandes Neto, com o sr. Alberto Lopes, filho da sr.^a D. Maria Gavea Lopes e do sr. Alfredo Lopes.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Conceição Hipólito e D. Alice Covões Gavea e padrinhos os srs. José Cardoso e Antonio Gavea.

Serviram de damas de honor as meninas Maria Henriqueta Mafra, D. Avelina Mafra Branco, Alcinda Lopes e Felismina Mafra Neto.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido um lanche.

— Na paróquia de Santos-o-Velho, realizou-se casamento da sr.^a D. Stela Bonança Azinhais Ferrão, com o sr. Marçal de Goyri Pacheco, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Carlota Morato de Campos e Sousa e o major sr. Valeriano Antonio de Campos e Sousa e por parte do noivo seus tios, a sr.^a D. Maria José Pacheco Niza e o sr. Artur Niza.

Durante a cerimonia religiosa, a cantora sr.^a D. Victoria Lopes da Silva, fez-se ouvir, em varios trechos de musica sacra, com acompanhamento de orgão feito pelo consagrado maestro sr. Raul Portela.

Terminado o acto religioso, foi servido na residência dos paes da noiva, um lanche.

— Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo



A sr.^a D. Alice Mafra Neto e o sr. Alberto Lopes, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia de S. Pedro, em Alcantara

Grande realizou-se, sendo celebrante o reverendo prior, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Mariana Navarro da Costa, gentil filha da sr.^a D. Orminda Navarro da Costa e do sr. Mario Navarro da Costa, com o sr. Paulo Corrêa Leite de Artagão, filho da sr.^a D. Margarida de Almeida Corrêa Leite de Artagão e do inspirado poeta sr. dr. Mario de Artagão.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Zuleika Correia Leite de Artagão e D. Maria Correia Leite Godinho de Saldanha, respectivamente irmã e prima do noivo e de padrinhos o pai e primo do noivo sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido no palacete da Avenida da República, dos paes do noivo, um finíssimo lanche da pasteleria «Versailles» seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Nalécia Maria Morgado Cidreiro, esposa do alferes sr. Júlio Oliveira Cidreiro. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

— A sr.^a D. Maria Victória da Costa Rebelo da Cunha Reis, esposa do capitão de engenharia sr. Caetano da Cunha Reis, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Bertília Maria de Miranda Barreira de Aragão Paiva, esposa do publicista sr. António de Aragão Paiva. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

VIDA FEMININA

OUVIMOS continuamente dizer, que a humanidade está completamente pervertida. Que já não há almas boas, ou que se as há ninguém as aprecia, que só a maldade é vencedora, que só os maus triunfam, que ninguém tem o mais ligeiro interesse pela virtude e pelo bem. Mas felizmente isso é um dos muitos erros que correm, e, as coisas não são bem assim. Para honra da humanidade temos de dizer, que há ainda no mundo almas boas e que são devidamente apreciadas, quando aparecem, e, choradas, quando deixam esta vida.

Ainda há pouco tivemos um frisante exemplo quando morreu o dr. Tomaz de Melo Breyner, conde de Mafra. Este homem de ciência, espírito duma invulgar cultura, possuía uma alma duma inegalável bondade. A sua morte foi chorada, pode dizer-se por toda Lisboa. Desde a gente mais humilde, à mais alta aristocracia, ninguém recebeu sem uma profunda tristeza a notícia do seu desaparecimento. Mesmo os que apenas o conheciam de vista o choraram, porque da sua fisionomia, duma expressiva bondade, se exalava um tal poder de simpatia, que ninguém o via sem sentir atracção pelo seu ar de gentil amabilidade. O conde de Mafra era dos poucos fidalgos que conservam a gentileza extrema do trato e o culto da mulher, que se notava em todos os seus actos. Actualmente há quem entenda que o culto

pela mulher é olhá-la com impertinência, é persegui-la com grosseiros galanteios, é por fim, quando não se consegue o fim que se quer atingir, caluniá-la às esquinas com as mais repugnantes mentiras e falsas asserções.

É isto no geral, a que os homens de hoje chamam o culto da mulher. No grande fidalgo e homem de bem, agora desaparecido, manifestava-se duma outra forma. Chefe de família irrepreensível, a sua delicadeza com as mulheres era sincera, era feita de boa educação e de atenções em que se notava a bondade da sua alma, onde não se escondiam intuídos grosseiros.

Toda a mulher nova, velha, do povo ou fidalga lhe merecia uma atenção. A sua gentileza estendia-se até às mais ínfimas desgraçadas, que vivem à parte da sociedade. Eram infelizes, fracas, mulheres desgraçadas, tanto bastava para que o seu coração magnânimo o levasse a tratá-las com bondade e compaixão. Com as senhoras a sua gentileza era extrema. Num país, onde geralmente se não encontra a delicadeza para com a mulher, o conde de Mafra salientava-se pela sua natural e simpática ma-

neira de ser amável com as senhoras. Nos eléctricos enquanto houvesse uma senhora, uma mulher em pé, ele não se sentava, e tendo uma vida cheia de afazeres, ocupadíssima, viu-o descer dum eléctrico para que uma senhora de idade, que entrava com sua filha, num carro onde havia um só lugar, não ficasse em pé esperando outro carro. E tudo isto fazia com a maior naturalidade, sem o intuito de dar nas vistas, apenas porque lhe impunha a sua extrema delicadeza e porque lho pedia o seu bondosíssimo coração. Era uma alma profundamente boa e foi compreendido e chorado por todos, o que nos prova, que a humanidade não é ainda tão má, que não saiba apreciar a bondade perfeita, quando ela se apresenta. Esta figura que desapareceu, deve ficar como um símbolo da velha educação portuguesa de trato lano, e deve servir de exemplo a todas as mães que educam e se interessam pela formação de carácter de seus filhos. Têm um exemplo em como a boa educação e a bondade perfeitas, são ainda apreciadas e estimadas pela maioria. Foi uma nobre figura que desapareceu,

mas uma alma boa, que ficou iluminando a nossa sociedade e dando-nos a consolação de pensar, que a bondade existe e que ainda a humanidade a aprecia.

Maria de Eça.

A moda

ESTAMOS já em plena moda de inverno. O que se usará, já foi decretado pelos lapidados grandes costureiros parisienses, e, só nos resta obedecer-lhes, usando o que a sua fantasia, nos impõe. A novidade deste ano é a «toque» em peles que fez uma notável aparição. Damos hoje um lindo modelo usado por «miss» Betty Stockfiel, e, usado por Le Mounier. É uma linda «toque» em astrakan preto, que fica maravilhosamente às loiras. Uma pequena fantasia em penas, vermelha, verde e preta, colocada à frente põe-lhe uma linda nota de cor alegrando o conjunto. O casaco em fazenda preta, é também guarnecido a astrakan, que num pequeno regalo dá ainda a nota de conjunto, a esta preciosíssima «toilette», que fica bem a qualquer senhora e que tem na sua linha simples, a maior elegância. Como chapéu damos ainda um outro bonito modelo, em veludo preto, que é este mo-



a grande elegância. O seu feitio quadrado duma graciosa originalidade evoca o antigo capacete de lanceiros. É dobrado e pregueado de maneira a formar quatro pontas uma das quais cai com graça ao lado, fingindo uma aba. A «calotte» é muito justa. É usado pela elegantíssima M^{me} Stutz uma das mais «chics» parisienses, que marcam no mundo das elegâncias.

Para a noite, têm as nossas gentis leitoras duas lindas «toilettes» à escolha. Uma delas duma marcada elegância é um vestido «fourreau» em crêpon de seda baça, em cor de malva dois tons, sobre um fundo em «taffetas» que tem na borda uma «balayeuse bordeaux». É novíssima a sua forma e a «balayeuse» que o guarnece marca bem a tendência para voltarmos atrás às modas das nossas mães. O outro é uma linda «toilette» em «crêpe» vermelho cor de fogo, uma cor que está muito em voga e é duma grande elegância. Torna este vestido muito interessante a grande «echarpe» independente, que enrolando-se nos ombros termina por longas franjas, que dão o verdadeiro aspecto duma chama à senhora que o usar.

Como abafo temos a pequena capa de «vison», duma forma bem diferente da que se usava o ano passado, ajustada ao corpo sem o corte «à la vicille». As peles dispostas com arte evocam a forma duma borboleta com as asas abertas, pode usar-se com todos os vestidos compridos, quer sejam claros ou escuros, porque é um abafo rico e o «vison» vai bem com tudo. Em toda a moda se nota a tendência para os vestidos e casacos muito ajustados, desenhando muito o corpo.

É muito favorável às mulheres bem feitas esta tendência da moda, que assim faz sobressair um bonito corpo. A moda deste inverno tem na sua originalidade um grande cunho de elegância.

A casa

A casa e a «toilette» são duas preocupações da mulher «chic». Não se pode imaginar uma mulher elegante, vivendo numa casa sem conforto e sem um certo cunho de elegância, e, numa casa bem posta não se pode ver uma mulher mal vestida. Uma coisa implica a outra, e, hoje em dia tôdas têm o desejo de possuir uma casa, senão luxuosa, pelo menos confortável e elegante. Nos mobiliários modernos encontra-se isso aliado à higiene. Damos uma gravura de casa de jantar, em que se vêem os austeros princípios modernos, que exigem uma elegância higiênica. A mesa é coberta de cristal o que permite uma radical limpeza. As cadeiras em madeira prateada e as paredes pintadas em pálidas cores. Tudo lavável e duma grande facilidade na limpeza o que é uma das feições do mobiliário moderno, e, que tão prático é.

Vida romântica

ENTRE as vidas românticas, uma das mais interessantes é a de Lord Byron, que André Maurois, ilustra na «Nation Belge». Em Inglaterra durante dez anos Napoleão e Byron disputaram a celebridade. O herói romântico por excelência, era muito belo, mas coxeava dum pé e isso humilhava-o. Era uma alma magnífica, mas um carácter detestável. A sua adolescência passou-a em discussões com a sua mãe, Catarina Gordon, descendente dos Stuarts, que tinha um esplêndido coração, mas o carácter mais difícil do mundo. Sabendo que na sua maior idade seria rico, começou a individuar-se, desperdiçando o dinheiro numa vida brilhante. Entrê as mulheres que amou naquela época, duas tiveram grande influencia na sua vida: «Miss» Mielbauche, que se tornou sua mulher e Mary Chavorth, que conheceu muito nova no castelo de Annesley, e, que nunca mais esqueceu. Com sua mulher que era um espirito puritano e metódico a vida do poeta, do «Child Harold» foi uma verdadeira luta. Separou-se dela e deixou a Inglaterra que não lhe tinha dado o seu verdadeiro valor, pela Itália. Em Veneza encontrou-se com Shelley e influenciado pelo Fausto de Goethe, criou o «D. Juan». Na sua negra gondola e no palácio Moconigo, que comprou, julgou-se o proprio «D. Juan». Elvira apresentou-se-lhe sob a fórmula da condessa Guiccioli, que durante cinco anos o prendeu. Como «Intermezzo» filiou-se nos carbonários e conspirou contra a Austria. Quando se sentia vigiado pela policia de Metternick e pelo ciumento marido da condessa, montava a cavallo e fazia longas excursões na planície de Kaverna, ao longo do famoso pinhal cantado por Dante.

Depressa descobriu um fim à sua vida: libertar a Grécia, não que odiasse a Turquia, mas as suas recordações da Iliada levavam ao encanto o seu entusiasmo. Não poupou o seu dinheiro e por fim acabou por embarcar para a ilha de Cefalonia, para passar depois para Missolongi.

Enquanto o coronel Stanhope, chefe da expedição



reclamava um jornal, como arma mais segura para expulsar os turcos, Byron, o poeta, fazia vir artelheria e canhões, organizava uma brigada e conseguia atirar-se, de espada na mão, contra os turcos. Mas a febre deitou-o por terra. O seu organismo, já sacudido por muitas emoções e por um debilitante e insensato regime para se conservar delgado, não resistiu. Morreu aos 37 anos, pronunciando o nome dos que lhe eram queridos. Assim acabou aquele ser unico que tinha qualquér coisa de sublime.

As estampilhas

SOBRE a origem das estampilhas, «Le Soir» publica este artigo: «Em França aí por 1776, quando o estado tomou o monopólio dos correios, uma carta custava de cinco a dez soldos. Depois, as tarifas aumentaram, no fim de 1799 pagavam-se quatro soldos por cada vinte leguas. Nos primeiros trinta anos de 1800 o pórt de uma carta de Marselha a Paris era dum franco e vinte. Mais do que recebia então um operário de jornal. O mesmo acontecia em Inglaterra; mas só por poucos anos. Pouco depois de 1830 um homem rico, Sir Rowland Hill, viajava no norte do seu país, parou numa hospedaria de aldeia, para passar uns dias.

Horas depois da sua chegada passou o correio com uma carta. Uma rapariguinha da familia do dono da estalagem pegou no envelope, olhou-o muito, voltou e tornou a voltá-lo e perguntou quanto custava a carta. «Um sheling». A pequena suspirou e disse: «Não posso pagar é muito para mim». É uma carta de meu irmão, mas não tenho dinheiro!» «Sir Rowland cheio de piedade, ofereceu-se para pagar o «shelling». A rapariga recusou. O correio levou a carta. «Não leve a mal a minha recusa — disse então a pequena — nós somos pobres e para não pagar o custo do correio, estabelecemos com meu irmão escrever sobre o envelope dois ou três sinais convençionados, que nos permitem dizer, gozâ-mos boa saúde. O interior da carta está em branco, eis porque não aceitei o seu oferecimento». «Mau sistema este que dá lugar a fraudes» pensou Sir Rowland Hill, que era um sábio,

Como tornar o correio acessível a todos e sem fraudes? E surgiu nêle a ideia da estampilha. Apresentou a sua invenção ao governo, mas levou tempo a ser aplicada. O governo nomeou uma comissão sobre o emprêgo do quadrado de papel com cola por traz. Mas esta ideia não agradou ao principio. O governo pensou em adotar um envelope com uma complicada vinhetta cuja execução foi confiada ao pintor daquêle tempo William Mubready. Representava a Grã-Bretanha enviando correios. Mas mais tarde foi compreendida a pratica ideia da estampilha e começaram a circular os primeiros selos ingleses, ideia de Sir Rokland Hill. A filatelia tinha nascido.

Honorários colossais

GERALMENTE no Palácio de Justiça de Paris observava-se que os honorários dalguns advogados assumem proporções muito elevadas. Os advo-



gados de verdadeiro mérito reclamam por um processo de importância, nunca menos de cem mil francos. Claro que o estipêndio dum advogado varia segundo o seu valor e a sua eloquência. Mas êsses senhores afirmam que a vida está muito cara. Ante da guerra os honorários de vinte mil francos eram raros. Hoje pelo mais pequeno processo é moeda corrente. Quem tem uma causa insignificante, com o senhorio ou com um inquilino e se dirige a um jovem advogado em principio de carreira, já sabe que tem de pagar 5.000 ou 6.000 francos. Até agora os honorários mais altos que se conheciam, foram os que a grande casa comercial Dreyfus, pagou ao advogado Jules Grévy pela causa do «Guanos», três milhões e duzentos mil francos, mas estavam em jôgo centenas de milhões. Grévy ganhou o processo, mas a liquidação levou muitos anos e só acabou quando Grévy foi eleito presidente da República francesa. Então interveio junto do ministro das finanças, para obter para os seus clientes uma redução de impostos fiscaes. Há quem lembre o milhão recebido pelo advogado Lacan, no processo do testamento do príncipe de Condé, a favor do jovem duque d'Aumale. Lacan era em 1830 um dos primeiros advogados de Paris, pois tinha ganho o processo contra os Rollans e insinuou-se que o sucesso tinha sido devido a pressão do governo junto dos magistrados. O certo é que nunca mais se apresentou em nenhuma causa. Lacan morreu em 1880 com 97 anos e não esqueceu os seus colegas, deixando ao fóro de Paris uma soma de 400.000 francos.

Receitas de cozinha

Costeletas de vitela Marieta: — Cortar, no presunto cru e no toucinho gordo, umas boas fatias. Escolher umas costeletas de vitela boas e lardeá-las com o presunto e o toucinho, pondo uma fatia de presunto e outra de toucinho entremeadas. Pôr no fundo duma caçarola, umas

tiras de toucinho e manteiga e sobre isto colocar as costeletas de vitela. Fazê-las estar ao lume até estarem bem loiras, dos dois lados, deitar sal, pimenta e um pouco de vinho do Porto. Em seguida tirar as costeletas, e um pouco da gordura do mólho, ligá-lo com creme de leite e fazer um mólho grosso. Em seguida colocar as costeletas numa travessa rodeadas de batata, assadas nas brazas e cobrir tudo com o mólho. É um prato delicioso, que compensa bem da maçada que dá a preparar, pois, como vêm, é um prato que dá que fazer.

Higiene e beleza

TODAS as senhoras têm agora a mania de emagrecer. É positivamente uma moda. Claro que nos casos de obesidade, que desfiguram, e, que são uma doença, o emagrecimento torna-se necessário, mas não se deve emagrecer forçadamente ao mais ligeiro «emboupoint» que se esboça. É um erro. Há senhoras que nos pedem uma receita para emagrecer e o exemplo de certos tratamentos, que á sua volta têm visto fazer e cujos resultados são assustadores, levam-nas a temer fazer qualquer coisa para o efeito desejado. Eis o método aconselhado para os casos em que é preciso fazê-lo e só para esses. Todos os dias andar bastante e depressa até provocar a transpiração, ao chegar a casa beber uma bebida quente bem assucarada. O seu calor acelera a transpiração, o açúcar toma o papel de reconstituinte. Ele contém num volume restrito um certo número de calorias completamente assimiláveis pelo organismo sem toxinas que formem gordura. É um tratamento que emagrece, sem prejudicar a saúde. Claro que se deve comer o necessário mas sem exagero.

A creança e o estudo

O doutor George Newman, afirma, num artigo que apareceu no Times, que os médicos escolares não estudam bastante e individualmente as creanças. De facto ha creanças que devem a sua distração e falta de sucesso no estudo, não á falta de vontade, ou á deficiência psíquica, mas a um desequilíbrio dos centros, que dirigem o trabalho intelectual. Muitas vezes é a alimentação insufficiente que impede o desenvolvimento físico e intelectual das creanças, outras vezes a presença de adenoides e outros incómodos deste género. Segundo Newman deve estudar-se cada creança de fórma a poder ver se ela dá motivos, intelectualmente do que o que a natureza lhe permite. Nos últimos vinte anos tem-se feito muito pela alimentação das creanças, seja dando subsídios ás famílias sem meios, como dando nas escolas um suplemento de alimentação. Quando em 1907 teve início em Inglaterra o serviço médico escolar, nas escolas de Londres, a percentagem de creanças deficientes por falta de alimentação era de 10 e noutros distritos



ainda de mais. Em 1930 distribuíram-se 4.760.000 sopas de leite e 776.192 rações de óleo de fígado de bacalhau, segundo as prescrições médicas. Melhorou também em Inglaterra, a saúde das creanças com o uso das aulas ao ar livre nas estações propícias e com maior ventilação e exposição solar, nas aulas das classes superiores. Tem diminuído também a percentagem dos miopes, e das adenoides assim como das doenças de pele.

As carruagens

A propósito da exposição anual de automoveis em Paris, «La Stampa» recorda que as carruagens se espalharam lentamente, sobretudo em alguns países.

Nos primeiros anos do século XIV em Paris existiam só três coches, o da rainha, o de Diana de Poitiers e o dum cortezão muito obeso, que não podia andar a pé. No tempo de Henrique IV, a côrte de França, tinha uma só carruagem, que servia ao rei e á rainha Maria de Médicis, como é testemunhado por uma carta do rei, na qual se desculpa de não poder ir a uma reunião, porque a carruagem estava tomada pela rainha. Em compensação na côrte de Brandeburgo, a mulher do Eleitor tinha um coche dourado para si e doze para o seu séquito e o Eleitor João Segismundo em 1549 tinha trinta e seis puchados a seis cavalos, cada um. Em Inglaterra até 1500 não apareceu nenhuma carruagem.

Enquanto nos países alem Alpes era difícil o uso de carruagens, em Itália o seu uso generalizava-se e em 1535 foram fundadas em Ferrara, as primeiras oficinas especializadas na construção de carruagens. Com o seu uso, nasceu entre as famílias nobres a rivalidade no luxo das carruagens, de que chegaram a nascer ódios e lutas. Tanto que em 1551 em Mantua como em 1556 em Bolonha, foram promulgadas severas disposições, que proibiam o uso do ouro, da prata e dos bordados como ornamento dos coches. Em Milão em 1578, foi proibido o uso dos coches ás senhoras, que não fossem mulheres ou filhas de senadores, condes, marquezes, duques, barões ou juriconsultos.

Na República Veneta foi proibido o uso dos coches nos batizados. Em Roma várias vezes o Papa interveiu, exortando os cardiais a deixa-

rem ás mulheres o uso dos coches. Sisto V não conseguindo isto, limitou o número de coches. O povo era então muito hostil aos coches porque eram muito grandes e faziam muito barulho. Entre nós espalhou-se muito, no tempo de D. João V o seu uso e a nossa colecção de coches é a mais bela e mais rica de toda a Europa.

De mulher para mulher

Maria Gabriela: Não fica nunca mal a uma mulher gostar de se arranjar, para parecer bem. Não ha mulher nenhuma que não goste de o fazer, e, as que dizem que não, não são sinceras, ou então são tão vaidosas, que imaginam ter uma tal beleza, que não precisa arranjo. Mas tudo tem limites e o pintar o cabelo de loiro, tendo-o como diz preto, acho de muito mau gosto. Arrebique-se o mais que quizer, mas conserve o seu tipo. É muito mais interessante.

Joaninha: Naturalmente que se usam os casacos de pele e quando faz frio nada ha que os substitua, mas este ano estão mais em voga os casacos de pano com gola de pele. Ficam muito bonitas nas fazendas de fantasia agora em moda.

Violeta: Se é como diz uma verdadeira vocação, escreva. Naturalmente que as primeiras produções, não são obras primas. Mas como ganha-pão não é uma-profissão aconselhavel, para quem não tenha um verdadeiro talento e mesmo assim, entre nós, além de meia dúzia de consagradas quem é que ganha a publicar livros? No entanto, experimente.

Pensamentos

O amor não vê os defeitos, a amizade ama-os.

O amor pede, a amizade dá.

O amor despreza a amizade porque se sente creador e a amizade retribue-lhe o desprezo, porque se sente eterna.

As consolações caem muitas vezes no coração como gotas de água no azeite a ferver. Fazem-no crepitar e saltar.

Ha só uma felicidade: o dever.
Ha só uma consolação: o trabalho.
Ha só um prazer: o belo.

A esperança é uma fadiga que vai dar a uma decepção.

A felicidade é como o éco: responde-nos mas não vem.

É felicidade bastante poder fazer uma boa acção.

Carmen Sylva.
(Rainha da Romania)



PIMIDE PESTA

BRIDGE

Espadas — V. 8, 5, 3.
Copas — A. 5, 4, 3.
Ouros — 9, 5, 4.
Paus — 4, 3.

Espadas. — 9. **N** Espadas. — 6, 2.
Copas. — R. D. V. 10, 9 **O** Copas. — 8, 7, 6.
Ouros. — 8, 7, 6. **E** Ouros. — R. D. V. 10
Paus. — 9, 8, 7, 6. **S** Paus. — R. D. V. 5.
Espadas. — A. R. D. 10, 7, 4.
Copas. — 2.
Ouros. — A. 3, 2.
Paus — A. 10, 2.

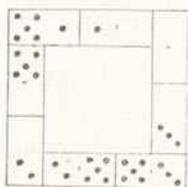
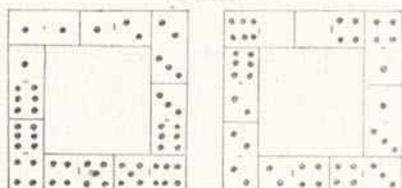
Trunfo é espadas. *S* poderá fazer 5 vasas de espadas. *O* atacando com o rei de copas?

(Solução do número anterior)

S joga ouros e *N* corta, jogando, a seguir, o az de trunfo sobre o qual *S* se balda à dama de copas e joga depois paus. *S* faz o 10 e a dama e joga, em seguida, o az de copas e uma carta pequena de copas. *O* não pode impedir que *S* tome a mão a *N* para fazer as suas cartas de paus.

QUADRADOS DE DOMINÓ

(Solução)



Os diagramas falam por si.

Os nossos leitores terão, provavelmente, achado fácil construir dois dos quadrados, mas a não ser que a sorte os favorecesse, para o terceiro devem ter tido alguma dificuldade.

Desenhar sem levantar a pena do papel



ANEDOTAS

Mãe (dica de ansiedade): — Mas porque não casas com o visconde? É um rapaz bonito, é rico, tem um título e pertence a uma boa família... Tem, enfim, tudo quanto se pode requisitar.

Filha (com doçura resignada): — Pois sim, mãe-sinha; mas a tudo isso, falta o mais importante.

Mãe: — Não sei o que possa ser?

Filha: — Que se declare!

...

Na Boa Hora:

O juiz: — Por esta vez, está absolvido. Mas tenho esperança que seja esta a última vez que eu o veja aqui.

O réu: — Porquê, sr. juiz? V. Ex.^a tenciona jubilar-se?...

...

— Dize-me, Jorge, se nós nos divorciássemos, sentirias muito que me tornasse a casar?

— Não.

— Mas, porquê?

— Não sei porque havia de compadecer-me de um homem que não conheço!

...

Magda: — Sabes, êsse chapéu faz-te parecer bonita.

Irene: — Queres experimentá-lo?...

...

— Então, o senhor deseja casar com minha filha? — observou o velho banqueiro.

— Sim, senhor, são êsses os meus desejos — respondeu o juvenil pretendente.

— Bem! Diga-me, então, quais são as suas vistas? — persistiu o pai da requestada.

— Meu caro senhor — retorquiu o rapaz — as vistas de um homem que case com a filha de um cavalheiro tão rico e influente como V. Ex.^a são, não podem deixar de ser... esplêndidas.

...

Chega o médico:

A doente: — Estou num verdadeiro desespero, doutor. Sôfro tanto, que a minha vontade era morrer...

O médico: — Então, fez muito bem em chamar-me...

...

Tio: — Mas dize-me cá: os teus rendimentos justificam, por ventura, que estejas resolvido a casar-te?

Sobrinho: — Reccio muito que não.

Tio: — Então, que razão tens para dar um passo tão sério?

Sobrinho: — Razão, não tenho nenhuma. Estou apaixonado.

...

Ela: — Eu gostava de ser mais bonita, Carlos.

Ele: — Os homens superiores, minha querida, sabem o pouco valor que a beleza tem.

Ela: — Eu não estava pensando nos homens superiores, pensava em ti.

...

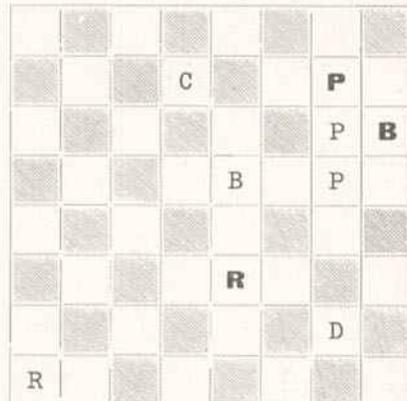
Gonzalo: — Porque foi que a Elisa rompeu com o noivo?

Jacinto: Porque ela lhe disse que não gostava de cumprimentos.

Gonzalo: — E êle insistiu em fazer-lhos?

Jacinto: — Não. Foi tão estúpido que a acreditou, e deixou de lhos fazer!

PROBLEMA DE XADREZ



Brancas: 6 Pretas: 3
As brancas jogam e dão mate em três lances
(Problema de Julius Brede, de Altona)

A SOMA ERRADA

(Problema)

Esta pequena conta de somar está evidentemente errada, mas cortando-lhe nove algarismos ficará certa. Quais são os algarismos que se devem cortar?

111
332
555
777
999
1.111

Insígnias

Uma das mais antigas insígnias ainda hoje concedidas é o sceptro de diamantes que o lord-maior de Londres empunha por alguns momentos no dia da sua posse. Êsse bastão simboliza a autoridade exercida sobre a cidade pelo seu primeiro magistrado.

O sceptro da cidade é um bastão de 45 centímetros de comprimento. É talhado num pedaço de crystal puro, incrustado de espirais de ouro e ornado de pérolas e diamantes. Não se sabe bem qual a sua idade; mas a montagem das pedras preciosas, à maneira bizantina, seguramente o faz remontar ao período anglo-saxónio.

Tanto o sceptro do lord-maior é considerado parte integrante da cidade de Londres e da sua história, que durante a guerra, quando o Guildhall enviou todos os seus tesouros para Aberystwyth, no País de Gales, para os colocar ao abrigo dos Goths, foi o sceptro guardado em Londres, enterrado por baixo da estação do metropolitano em Liverpool Street.

Há quatrocentos anos que os lord-maiores passam uns para os outros o sceptro e a famosa cadeia de ouro de ss entrelaçados.

O espírito inglês



O «five o'clock tea» britânico

Obras de GUIDO DA VERONA

Dêste conhecido e apreciado escritor italiano vai brevemente a
LIVRARIA BERTRAND
 iniciar a publicação dos seus romances.

O PRIMEIRO A SAÍR É:

Mimi Bluette, flor do meu jardim

A SEGUIR:

A vida começa amanhã—Solta as tranças Maria Madalena e outros

Os livros de GUIDO DA VERONA, cheios de emoção, interêsse e realismo, e que tem alcançado o maior sucesso em todos os países onde tem sido traduzidos, serão apresentados em português em magníficas traduções e com capas a côres.

Dirigir desde já pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
 — escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
 encadernado 15\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida
 ou preparar a fortuna

2.^a edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO **Dr. A. LORAND**

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Itália, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroideá, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroideá sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexu I. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

I volume de 244 páginas Esc. 10\$00
 Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **17\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa
satisfaz tambem plenamente sobre **todos os ramos profissio-
nais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela
encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a:
ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGEN-
CIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMACIA DOMESTICA — JARDINAGEM
— PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PER-
FUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CON-
SERVAS — ANIMAIS DOMESTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS —
LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E
DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS
— LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS
— HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que
o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina
a côres e ouro, custa apenas 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL** — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

LIVROS

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc.	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc.	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o **SEXO FORTE**

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem hebrôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neurriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrac, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugietarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol br 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders
Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
vocou tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar francesa nos dão o mais completo
significado político e militar do famoso livro:

A destruição de Paris em 1936

“Para melhor compreender a obra do major-aviador alemão Von Helders é necessário que o leitor faça determinadas transposições. É preciso corrigir — como na aviação — a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.

1 vol. broc., com uma artística capa a côres, **esc. 10\$00**

Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA